



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KELBER SABOIA PINHEIRO

**A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES
NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE À
HOMOFOBIA.**

CASTANHAL
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KELBER SABOIA PINHEIRO

**A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES
NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE À
HOMOFOBIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em Educação Física, orientado
pela Prof.^a Dra. Lilian Silva de Sales.

CASTANHAL
2018

**A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES
NA DISCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE À
HOMOFOBIA**

Por

KELBER SABOIA PINHEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física, orientado pela Prof.^a Dra. Lilian Silva de Sales.

Conceito: _____

Data da defesa: ____/____/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Lilian Silva de Sales - UFPA - Orientador

Prof.^a Dra. Dalva de Cássia Sampaio dos Santos - UFPA - Membro da Banca

Prof. Ms. Marcelo Pereira de Almeida Ferreira - UFPA – Membro da Banca

A Dona Teca e ao Sr. Eladir. A mulher e o homem que me deram a vida e o amor que esse mundo jamais entenderá e conhecerá. Tudo que foi feito até aqui, foi por vocês. Mãe, a senhora é a minha rainha! Pai seja lá onde o senhor estiver eu espero que você sinta orgulho do homem que me tornei. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

À Deus, por eu estar vivo e com saúde, para enfrentar dia após dia as dificuldades que a vida nos impõe, porém, sem deixar que isso nos abale ou nos faça desistir.

À minha mãe, que se dedicou sozinha a minha criação, desde os meus 11 anos de idade, sendo capaz de superar doenças e fatores adversos que nunca nos deixaram desistir, que nos ensinaram o verdadeiro propósito das dificuldades. Além de nos ensinar lições de como a vida pode ser dura e bondosa, de acordo com o passar do tempo. Tudo que foi feito até hoje, todos os esforços que foram feitos, foram por você, mãe. Eu espero que esse momento seja o mais incrível possível e que você possa sentir esse orgulho. Eu te amo.

Ao meu pai, que mesmo convivendo pouco, em vida, esteve intensamente presente ao meu lado e se dedicou a me ensinar normas e bons modos, além de me mostrar os passos a serem seguidos para se tornar um cidadão de caráter. Além de ter me ensinado a amar esse clube que hoje é uma das minhas maiores paixões e que me motivou a realizar essa pesquisa. Pai seja lá onde você estiver eu espero que você esteja sentindo orgulho do homem que me tornei, obrigado por me ensinar o que é ser Paysandu. Te amo.

À minha tia Lúcia e sua família, que foram como minha segunda família, cuidando de mim nos momentos em que eu passei por dificuldades e que sempre me deram o colo e o carinho necessário quando ninguém mais esteve por perto. Alba Lúcia, isso também é por você. Eu te amo.

A minha prima Wanderlize, que foi a minha primeira incentivadora nessa jornada. A pessoa que se dispôs a comprar meu primeiro material para levar para a faculdade, sem me cobrar nada em troca disso. Eu jamais me esquecerei do que você fez por mim, minha prima e minha irmã de outra mãe. Muito obrigado por tudo.

A minha irmã Cynthia, por ter cuidado de minha mãe nos momentos de dificuldade, quando eu não podia estar por perto, e principalmente por ter nos presenteado dando à luz a duas crianças lindas, que foram as maiores alegrias que já tivemos até hoje em nossas vidas. Kemyly e José, titio ama vocês.

A minha namorada Marcela, que entrou em minha vida em um momento em que eu atravessava uma extrema dificuldade emocional, mas que com um toque de amor, carinho e

paciência, se fez presente ao meu lado em boa parte dos momentos durante esse período acadêmico. E foi assim que ela conseguiu me manter calmo e me motivar dia após dia a continuar na jornada. Muito obrigado por todos os conselhos e palavras de conforto e por todas as vezes que você me mostrou que por mais difícil que as coisas estivessem você estaria ao meu lado. Você é uma mulher incrível e eu sou muito grato por ter você na minha vida. Minha princesa, meu “Xuxú”, eu amo você.

Ao cara que é o meu irmão de coração, Euri, muito obrigado por cada conselho, por cada momento em que tu chamaste minha atenção quando eu estava errado e por nunca me abandonar, mesmo quando muitos me viraram as costas. Deus foi bom de mais em me presentear com a tua amizade, moleque! E ele já está te retribuindo a recompensa de todos os esforços que tu tiveste. Tu mereces o mundo, meu irmão. Ao meu compadre e minha comadre, que me deram de presente a vida de um ser lindo e mágico que é meu afilhado. Perdoem-me por ter ficado ausente durante muitas vezes que eram importantes para vocês, mas sei que vocês entendem que eu estava batalhando para alcançar esse momento. Isso tudo também é por vocês.

Ao meu amigo Ricardo, que esteve presente ao meu lado nos momentos bons e ruins, mas que nunca abriu mão da nossa amizade. Eu to formando, moleque! E você também faz parte dessa história.

Ao meu sobrinho Felipe, que mesmo sem saber, foi um grande incentivador da minha continuidade no curso. Quando eu soube que você havia passado no vestibular para o mesmo curso que eu estava terminando, eu me vi na obrigação de ser um exemplo e uma referência para você. Apesar do pouco tempo de convívio, o tio ama você e o Rafael.

Ao meu tio Disraeli, pelos conselhos e ensinamentos me dados nessa vida e por ser um exemplo de nunca desistir dos seus sonhos.

Aos meus amigos de turma Arlei e Paulo, que se fizeram presentes na minha vida durante essa jornada acadêmica e que se fizeram presentes fora dela, também, melhorando meus dias de alguma forma, mesmo sem nem saberem que muitas vezes estavam sendo fundamentais para a melhoria dele. Eu tenho amigos que eu me orgulho de ter, e pretendo levá-los para o resto da vida. Mais feliz eu fico por saber que lá de cima, temos um amigo em forma de anjo olhando por nós. Rodrigu, sua fresca, você faz muita falta aqui!

Ao amigo Léo, que se fez presente em um momento difícil da minha vida, mas que não se omitiu e nem se negou a prestar a ajuda. Muito obrigado, moleque, eu jamais me esquecerei disso. Hugo, Luísa, Evelyn, Bruna, Roka, Luan, Amanda, Daniel, Pedro, Andressa, Rayane, Allan, Bia, Milene, Marcio, Alexandre, Marquinho, Rayla, Lenon e Chefinho, foi uma honra ter dividido esses quatro anos ao lado dos senhores e senhoras. Cada um de vocês me ensinou pelo menos alguma coisa que eu pretendo levar para o resto da vida. Muito obrigado!

Aos amigos Renan, Renê, Xan, Carlos Renan, Marvin, Victinho, Pablo, Vinicius, Hávila, Gisele, Emelly, Mônica, Bruna, Erlon, Mayara Freitas, Lilton, Lívia Aires, Dêca (minha mãe postiça), Alessandro, André, Igor Moura, Raully, Thamires, Syl, Lidiane, Thiago Soares, Serginho, Felipe Show, Mumú, Kadu, Socorrinho, Marieta (Meu anjo lindo), Seu Carlos e Tia Nani, vocês fazem parte desse trajeto também. Muito obrigado!

Aos docentes Mirleide, Nassar, Euzébio, Jujú, Déborah, Victor, Alessandra, Martha, Daniel, Rubens, Darinez, a minha orientadora Lilian, que se fez presente nas vezes que precisei de ajuda e que me deu um apoio fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Além dos demais que fizeram parte desse percurso. Muito obrigado pelos ensinamentos. É um orgulho estar me tornando um profissional, sabendo que fui encaminhado por vocês.

A todos Vigilantes, Funcionários e Vendedores do Campus, representados aqui, pelos amigos, Alex, Junior, Edivaldo, Silvio, Vitor e os demais, que se tornam parte dessa jornada pela convivência e pelos momentos que dividem conosco.

E finalmente, mas não menos importante, agradecer a todos que os nomes não foram citados aqui, mas que destinaram um pouco do seu tempo para me ajudar direta ou indiretamente com a criação desse trabalho e também que já colaboraram com alguns dos meus projetos, que moldaram meu caráter e minha personalidade, me motivando dia após dia a me tornar alguém melhor. Muito obrigado a cada um de vocês!

Agora sim, é oficial: **AVISA NAS QUEBRADAS, QUE A FAVELA VENCEU!**

*“Num dia de tristeza me faltou o velho
E falta lhe confesso que ainda hoje faz
E me abracei na bola e pensei em ser um dia
Um craque da pelota ao me tornar rapaz
Um dia eu chutei mal e machuquei o dedo
E sem ter mais meu velho pra tirar o medo
Foi mais uma vontade que ficou pra trás*

*Eh, vida à toa, vai no tempo vai
E eu sem ter maldade, na inocência de criança de
tão pouca idade
Troquei de mal com Deus por me levar meu pai*

*E assim crescendo eu fui me criando sozinho
Aprendendo na rua, na escola e no lar
Um dia eu me tornei o bambambã da esquina
Em toda brincadeira, em briga, em namorar
Até que um dia eu tiver que largar os estudos
E trabalhar na rua sustentando tudo
Assim sem perceber eu era um adulto já*

*Eh, vida voa, vai no tempo, vai
Ai, mas que saudade! Mas eu sei que lá no céu o
velho tem vaidade
E orgulho de seu filho ser igual ao seu pai
Pois me beijaram a boca e eu me tornei um poeta
Mas tão habituado com o adverso
Eu temo se um dia me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar”*

(Espelho – João Nogueira)

RESUMO

Este trabalho intitulado “**A Banda Alma Celeste**: a experiência de um grupo de torcedores na descriminalização das torcidas organizadas e no combate à homofobia” tem como objetivo pesquisar e identificar as motivações para a criação da Banda Alma Celeste, além de registrar a história de fundação desse grupo de torcedores a partir dos relatos de seus mais antigos membros, buscando identificar as percepções dos membros e torcedores acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituoso do seu repertório da banda, buscando entender “por qual motivo foram excluídos os cantos preconceituosos do repertório desse grupo de torcedores?”. Para a realização desse estudo, realizou-se uma pesquisa qualitativa além de uma pesquisa bibliográfica em artigos que abordassem os assuntos e buscassem esclarecer os termos necessários para o entendimento dos mesmos. Também foi utilizada uma pesquisa de campo, com entrevistas voltadas a membros que freqüentassem a mais de 5 anos esse grupo de torcedores, assim como a aplicação de formulários em dias de jogos aos torcedores que compõem o grupo ou que assistem aos jogos próximos a eles. Buscando informações pessoais e críticas sobre o pensamento dos mesmos, que pudessem, ao fim da análise, traçar uma linha de pensamento a respeito dos assuntos abordados. Como resultado obteve-se dados relevantes, que comprovam que 59% das pessoas entrevistadas, se afastaram das torcidas organizadas por não se sentirem bem, ou se sentirem inseguras próximas a elas, assim como 84,5% dessas pessoas, concordaram com a exclusão dos cantos de teor homofóbicos e/ou preconceituosos, além de constatar que 55,5% das pessoas se sentiram satisfeitas com a atitude da Banda Alma Celeste em excluir esses cantos preconceituosos. Por tanto, podemos perceber que um fator que antes era corriqueiro, hoje em dia já é combatido com atitudes de pessoas que se sentem responsáveis por além de torcer por seu clube de coração, realizar ações que visam o direito, a liberdade e a igualdade em qualquer ambiente que seja.

Palavras chave: Futebol; Torcida Organizada; Homofobia; Banda Alma Celeste; Direitos Humanos.

LISTA DE GÁFICOS

Gráfico 1	Sobre gênero, idade e raça dos entrevistados	17
Gráfico 2	Sobre o time ao qual os entrevistados torcem e a frequência que vão aos estádios de futebol	17
Gráfico 3	Relação dos entrevistados com as torcidas organizadas	32
Gráfico 4	Relação dos entrevistados ao fator preconceito durante os jogos de futebol	34
Gráfico 5	Sobre as iniciativas da Banda Alma Celeste	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pôster do I Seminário de Torcidas Organizadas do Estado do Pará	25
Figura 2	Imagem da Banda Alma Celeste levantando a bandeira do orgulho LGBT sobre seus participantes	35

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS:

ANTO	Associação Nacional das Torcidas Organizadas
BAC	Banda Alma Celeste
BPE	Batalhão de Polícia de Eventos
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Intersexuais, + As demais siglas que se enquadram aos termos
MP	Ministério Público
PMPA	Polícia Militar do Pará
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
STJD	Supremo Tribunal de Justiça Desportiva
T.O	Torcida Organizada
T.O's	Torcidas Organizadas
TJ-PA	Tribunal de Justiça do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA E PERFIL DOS ENTREVISTADOS COM OS GRÁFICOS	15
CAPITULO 2 – O FENÔMENO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS	18
2.1 – MOBILIZAÇÃO SOCIAL E CRIAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL.....	18
2.2 – MOBILIZAÇÃO SOCIAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO PARÁ.....	23
CAPÍTULO 3 – RACISMO E SEXISMO NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL	26
3.1 – O RACISMO NO FUTEBOL.....	26
3.2 – A PRESENÇA DAS MULHERES NO ESTÁDIO.....	28
3.3 - ASSÉDIOS SEXUAIS À MULHERES NO AMBIENTE ESPORTIVO.....	29
CAPÍTULO 4 - A BANDA ALMA CELESTE	31
4.1 – COMO TUDO COMEÇOU.....	31
4.2 – PRÉ-JOGO E PÓS-JOGO.....	39
4.3 – SOBRE O PAYSANDU SPORT CLUBE.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Desde os meus oito anos de idade, passei a frequentar estádios de futebol, que foi um amor passado de geração para geração, desde meu pai, que era um apaixonado pelo esporte, até meu tio, que já foi jogador profissional e que me incentivaram e mostraram os encantos do esporte. Portanto, desde muito novo passei a frequentar os estádios, primeiramente na companhia de meu pai, e posteriormente, sozinho, após o falecimento dele.

Na minha adolescência, passei a me questionar sobre alguns tipos de comportamento das torcidas organizadas (T.O) que cheguei a frequentar. No decorrer dos jogos, eu percebia a presença do uso de drogas nas arquibancadas entre os frequentadores dessas torcidas, além de comportamentos com teor discriminatório, violentos, e até mesmo carregados de preconceito. Cantos que citavam “matar”, “roubar”, “morrer” passaram a me incomodar de forma a me afastar aos poucos daquela convivência, já que normalmente eu frequentava os estádios com amigos, parentes e entre outros.

Passei a questionar tais atitudes, pois o meu real intuito de ir aos estádios era o prazer de assistir e torcer, além do amor que tenho pelo clube e pelo esporte, não fazia sentido ir ao estádio para despejar ódio contra os adversários ou até mesmo contra os torcedores rivais. Então, em meados de 2012 fui convidado por um amigo, para frequentar a Banda Alma Celeste (BAC), que é uma comissão de torcedores que se juntam antes, durante e depois dos jogos e que em comum tinham o propósito de apenas se divertir, incentivar e torcer realmente para o clube.

Um grupo de torcedores que não se remetia a venda materiais, como camisas, bonés e outros objetos que fossem diretamente ligados a torcida. E que também não possuía formas de arrecadação, através de ofertar benefícios aos seus participantes e frequentadores. O uniforme era o uniforme do clube, quem quisesse fazer parte dela só precisava se aproximar e apoiar o clube. Onde os cantos de teor violento, discriminatórios e ofensivos, eram praticamente inexistentes entre os participantes.

Para minha surpresa, ali encontrei outros amigos e conhecidos, que assim como eu, já haviam sido frequentadores de T.O, e passaram a afastar-se delas, pelos mesmos motivos que me afastaram das mesmas. Porém, até meados de 2017 ainda existiam alguns poucos cantos com insultos homofóbicos entre os frequentadores da BAC. Mas, após diversas reuniões entre

os participantes, decidiu-se em acordo praticamente unânime, se extinguir por completo todo e qualquer canto que viesse a desrespeitar o próximo, por uma questão humanitária e principalmente por respeito às diferenças, pois entendemos que a orientação sexual de uma pessoa não deve ser tratada como uma forma de atingi-la pejorativamente, muito menos que a violência pregada em cantos e gritos de guerra fosse o adequado para o propósito ao qual estavam presentes naquela praça desportiva.

Após a abolição desses cantos, percebeu-se que homossexuais passaram a frequentar locais mais próximos a torcida, coisa que antes não acontecia, além de aproximar pessoas idosas, crianças e mulheres, que antes não se sentiam confortáveis e seguras naquele setor do estádio¹, e que após o ato, perceberam que ali era um ponto de refúgio de tudo que habitualmente se considera normal, nos estádios de futebol.

Essa atitude foi algo muito impactante até mesmo entre os próprios frequentadores e logo, repercutiu nacionalmente, com a informação de que a BAC passou a ser a primeira torcida do país a extinguir cantos de teor homofóbicos de seu repertório, sendo premiada e reconhecida nacionalmente em uma premiação que ocorreu na Parada do Orgulho LGBT, também no ano de 2017, pela atitude inovadora e respeitosa, recebeu uma visibilidade de magnitudes inimagináveis.

Então no Capítulo 1, iremos abordar os caminhos da pesquisa, buscando identificar e analisar as motivações para a criação da Banda Alma Celeste, além de registrar a história de fundação desse grupo de torcedores, a partir dos relatos de seus mais antigos membros. Buscando assim, identificar as percepções dos membros torcedores da Banda Alma Celeste acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituoso do seu repertório.

No Capítulo 2, abordaremos o fenômeno das torcidas organizadas, em um âmbito nacional e regional, utilizando citações de autores renomados, que buscam fundamentar os fatos citados sobre suas criações e as mobilizações que as mesmas geram.

No capítulo 3, iremos abordar o racismo e sexismo nos estádios de futebol, além do assédio sexual que ocorre no âmbito esportivo, trazendo a tona alguns debates sobre os

¹ Setor da arquibancada onde a banda adotou como lugar fixo a assistir os jogos. No caso do texto, parte superior da arquibancada central, situada no lado B do estádio Olímpico do Pará.

assuntos, citando casos que ocorreram e tiveram uma visibilidade, além de abordar o parecer jurídico sobre os mesmos.

Já no capítulo 4, faremos uma abordagem acerca da criação da Banda Alma Celeste, relatando através de algumas entrevistas com alguns de seus frequentadores mais antigos, fatos sobre a fundação desse grupo de torcedores e de algumas atitudes que ocorreram no decorrer da existência dos mesmos. Além de esclarecerem nessas entrevistas, os momentos de interação social que são recorrentes durante o período dos jogos, assim como o Pré e Pós-jogo e a importância desses momentos de interação e do clube para esse grupo de torcedores.

Chegando assim, a conclusão de que a violência e outros fatores são responsáveis pelo afastamento de muitas pessoas, das T.O's, além de obtermos resultados significativos sobre a importância de iniciativas tomadas pelo grupo de torcedores além da exclusão de cantos de teor homofóbicos do repertório musical da BAC.

Afunilando mais ainda o verdadeiro sentido dos participantes da BAC nos estádios, que era apenas e unicamente, de apoiar e incentivar o clube em todos os seus âmbitos esportivos e não esportivos, mas que também passou a ser uma forma de confraternização entre pessoas que buscam essa melhoria do comportamento de torcedores e frequentadores dos espaços esportivos. Além de estender esse pensamento crítico para fora do convívio esportivo, disseminando o incentivo ao combate a criminalização e ao preconceito em geral. Reintegrando novamente aos meios esportivos, pessoas que antes preferiam se manter afastadas do convívio social e dos momentos de lazer, que é frequentar estádios de futebol, ou até mesmo outros lugares onde o clube participe de competições de diversas modalidades.

Dessa forma, penso que esse trabalho possa contribuir para o debate sobre T.O's bem como para a que possam ser revistos os pré-conceitos de pessoas que acabaram por se afastar de algumas atividades de lazer, que envolviam o âmbito esportivo, devido ocorrências de preconceito ou violência. Assim como esse estudo pode ser utilizado como forma de embasamento para atitudes que busquem combater o preconceito e a violência dentro e fora dos estádios de futebol, tomando essa pesquisa como exemplo a ser seguido. Além desse tema ser uma forma de apresentar boas práticas de torcedores organizados, demonstrando que atitudes que antes eram vistas como algo normal para os torcedores de futebol ou até "engraçado", já que era visto como forma de atingir a torcida e jogadores adversários, hoje em

dia, no entanto, percebe-se que já não existe mais espaço para atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Capítulo 1 – CAMINHOS DA PESQUISA E PERFIL DOS ENTREVISTADOS COM OS GRÁFICOS

Este trabalho de pesquisa foi produzido a partir de uma abordagem qualitativa descritiva, que segundo Godoy (1995) parte de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, Além de poder ser conduzido através de diferentes caminhos. Esse estudo teve como questões norteadoras: O que motivou a Banda Alma Celeste a eliminar os cantos de cunho preconceituoso de seu repertório? Quais as percepções de seus membros torcedores sobre essa iniciativa?

Essas questões que nortearam a pesquisa são também parte de meu próprio percurso como pessoa que acompanhou como torcedor do Paysandu Sport Cube (PSC), na medida em que sempre fui um grande admirador das práticas do esporte em si, mas o futebol sempre foi uma paixão em minha vida. Uma prática trazida como herança de meu pai, que era um enorme apaixonado pelo Paysandu, e que acabou me ensinando como amar esse clube com as idas frequentes ao estádio.

São objetivos desta pesquisa:

- 1- Identificar e analisar as motivações para a criação da Banda Alma Celeste;
- 2- Registrar a história de fundação da Banda Alma Celeste a partir dos relatos de seus mais antigos membros;
- 3- Identificar as percepções dos membros torcedores da Banda Alma Celeste acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituoso do seu repertório.

Como instrumento de coleta de dados foi criado um questionário, através de uma ferramenta do *Google Forms*², a qual permite construir formulários com perguntas elaboradas pelo autor. Nesse caso, o formulário foi pensado de uma forma em que trouxesse questões que abordassem temas gerais sobre o perfil das pessoas entrevistadas, buscando informações sobre o que elas pesavam em relação às atitudes da BAC, além de informar se as mesmas possuíam

² <http://docs.google.com/forms>

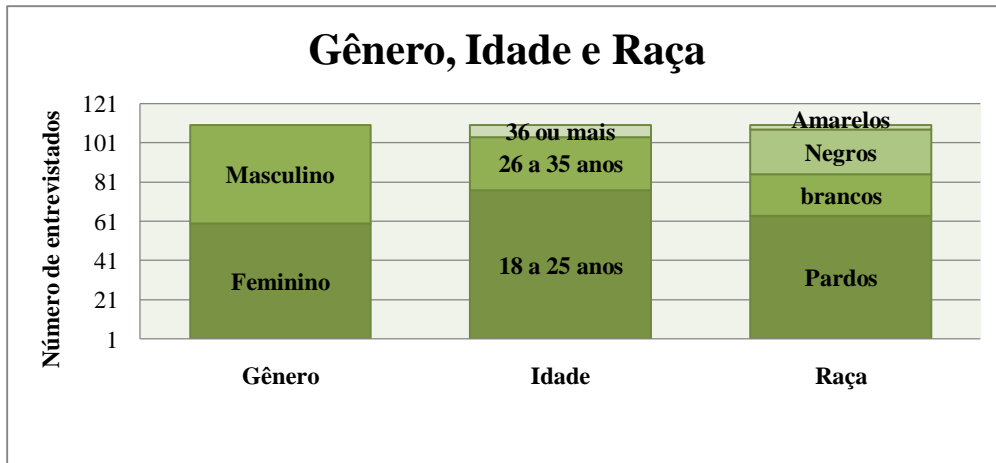
ou já haviam possuído algum tipo de ligação com as T.O's e específicos acerca do tema da pesquisa. Este formulário foi enviado por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas no próprio estádio de futebol, com uma abordagem direta, durante os jogos, com as pessoas que estavam presentes nas arquibancadas. Além de ser enviado, também, através de e-mail para as pessoas que não estavam presentes nos jogos ou que não foram abordadas diretamente na arquibancada, mas que frequentam os estádios de futebol.

Foram enviados formulários para 148 pessoas, deste total de entregues, obtive 110 formulários respondidos, 100 de torcedores do PSC e 10 de pessoas que torcem pelo principal clube rival como forma de tentativa de comparação de atitudes e para diagnosticarmos se a iniciativa tomada pela BAC seria bem vista por torcidas de outros clubes, as pessoas escolhidas fazem parte de um grupo de torcedores do clube rival, que é semelhante à BAC, e que também surgiram com o propósito de reformular a visão de uma torcida de futebol. O critério de exclusão utilizado foi à idade menor de 18 anos e maiores de 50 anos.

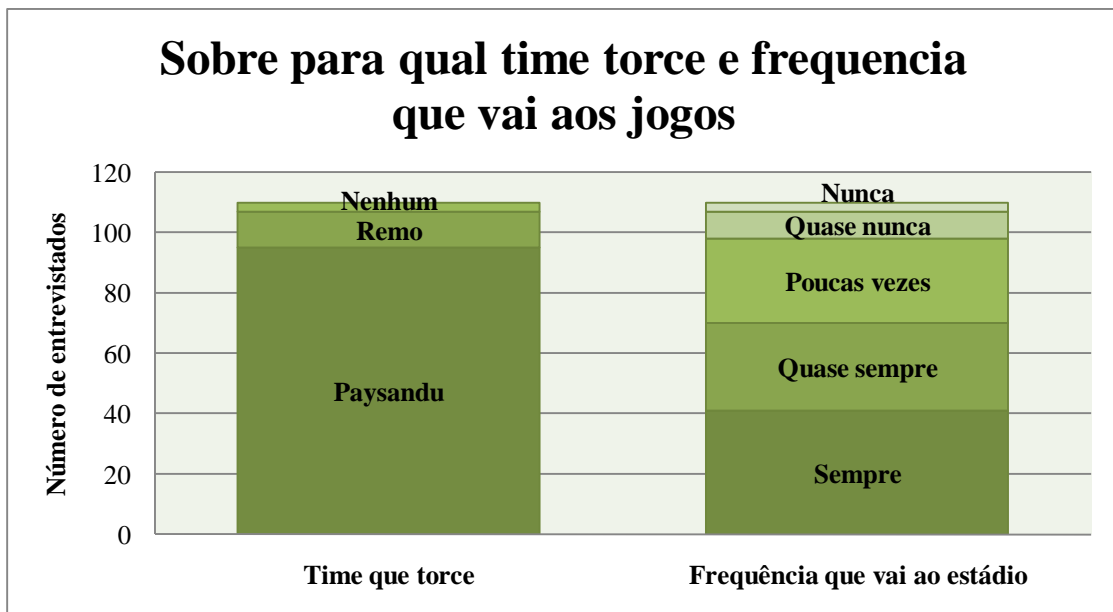
Com a finalidade de obter melhores informações sobre os dados constantes nos formulários, realizei uma entrevista com quatro dos mais antigos integrantes da BAC. Dois deles foram entrevistados pessoalmente, através de uma conversa. E outros dois, por meio de uma conversa por telefone. Decidimos utilizar essas entrevistas para alcançar informações verídicas sobre assuntos que podiam ser esclarecidos apenas por pessoas que haviam presenciado determinados fatos que ocorreram dentro do grupo de torcedores e que envolvem a torcida, além de possuírem conhecimento de causa e vivência suficiente para expor tais informações. Os fatos citados por eles foram, em partes, transcritos e reenviados aos entrevistados para que os mesmos autorizassem que aqueles textos fossem inseridos nessa pesquisa de forma a enriquecer as informações que serão expostas.

Como embasamentos teóricos foram utilizados artigos nacionais, pesquisas de autores que abordavam os temas citados, além de livros que tratavam diretamente à temáticas que envolvam o preconceito, discriminação, as T.O's, o futebol dentre outros. Também foram utilizadas algumas pesquisas em sites da internet, que pudessem esclarecer algumas informações sobre a história do futebol, dos clubes, das torcidas, e principalmente em relação a leis que estão contidas no Código Penal Brasileiro, assim com as contidas no Estatuto do Torcedor, que foi utilizado como uma referência muito importante para desenvolver a pesquisa.

Os quadros a seguir irão nos trazer os resultados do questionário que foi passado entre os torcedores e que fortalecem o debate abordado nessa pesquisa. Neles são encontrados dados a respeito do perfil dos torcedores que foram entrevistados, como informações a respeito do gênero, idade, raça e para qual time os entrevistados torcem. As informações contidas nesses gráficos buscam traçar um caminho de pesquisa para uma melhor relação das entrevistas e dos números obtidos nos questionários, gerando assim um embasamento necessário para agregar veracidade ao estudo.



Quadro 1:
 Fonte: Pesquisa de Campo feita entre 15/10 e 15/11/18



Quadro 2:
 Fonte: Pesquisa de Campo feita entre 15/10 e 15/11/18

Capítulo 2 – O FENÔMENO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

2.1 – MOBILIZAÇÃO SOCIAL E CRIAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL

Pimenta (1997); Santos (2004) e Toledo (1996) destacam que os torcedores organizados surgiram na década de 1940, num momento em que o futebol já era uma paixão nacional, massificada pelo rádio. Entre os primeiros agrupamentos de torcedores deste gênero temos: no Rio de Janeiro, a Charanga do Flamengo e em São Paulo, a Torcida Uniformizada do São Paulo. Estes são considerados como os primeiros “organizados” no Brasil.

O movimento de torcedores era reforçado a cada dia, com exemplos de torcedores de outros clubes, como o Juventus (SP) e o Grêmio do (RS) que também decidiram criar um grupo de torcedores semelhantes e estavam sendo muito bem recebidos pelos seus clubes.

Agostino (2002) reforça que prática esportiva, tal como a de torcer, constitui momento de expansão das pulsões primárias reprimidas pelo meio social cotidiano. É no coletivo da torcida que o indivíduo encontra a oportunidade de extravasar seus sentimentos e instintos reprimidos pela sociedade.

Toledo também corrobora com essa percepção ao afirmar que as T.O's

Inauguraram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida. Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam muitas deles, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformaram-se em grandes blocos e escolas de samba, constroem patrimônio e arrematam milhares de sócios em torno de suas práticas (1996, pag. 33)

Pimenta (1997) observa que “[...] as massas passam a ter um comportamento diferenciado nas arquibancadas dos estádios e começam a cobrar dos clubes, dos jogadores e dos dirigentes um melhor desempenho.”

Foi a partir da insatisfação de torcedores com as constantes mudanças sofridas no mundo do esporte, tais como a reforma de estádios, transformando-os em arenas de futebol, que gerou melhorias que realmente devem ser enaltecidas, como por exemplo, uma maior comodidade para a entrada, permanência e saída dos espectadores, além de banheiros mais limpos para os frequentadores do local.

Esse fato, conseqüentemente levou ao aumento abusivo do preço dos ingressos, além de uma nova alocação desses antigos grupos de torcedores, que também gerou impasse entre as organizadas. A adequação que era exigida ao público presente, por uma busca de um lugar melhor na nova estrutura do local, mudanças de gestão, que passaram a multiplicar os valores de materiais esportivos desses clubes, tal como a venda da imagem do clube para emissoras de televisão, influenciando diretamente na decisão de datas, e horários aos quais os jogos passariam a ser realizados, tal como as T.O's passaram a se aproveitar dessa disseminação de imagem, para divulgação das mesmas.

Agostino (2002) ressalta que aparecimento da televisão contribuiu para difundir os gritos de guerra, os cantos, os símbolos, os emblemas e os slogans das torcidas, fazendo acirrar ainda mais os antagonismos ocultos, ampliando a "arena" de confronto, na qual se passou a criar uma "cultura da arquibancada", não apenas movida por torcedores, mas sim, a partir daquele momento, por pessoas que passaram a reivindicar direitos antes possuídos por eles, dentro e fora dos estádios.

Segundo Pimenta (2000) na década de 90 os números de filiados das T.O's subiram consideravelmente, e, em alguns casos, praticamente dobraram. Este crescimento estabelece e sustenta um tipo novo de "cultura torcedora", que se assemelha em alguns aspectos com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. Tendo em vista que nesses locais, os torcedores organizados são temidos por atos de vandalismo e agressividade.

É nesse momento, que parte de alguns grupos passa a cometer atos fora da moralidade e até da legalidade, se respaldando no coletivo que os envolve na participação ou no fato de pertencer à determinada T.O ou, simplesmente, sensação de impunidade do ato. O que certamente não exime a culpa de quem o cometeu, mas que acaba sendo camuflado devido a um entendimento de aceitação da sociedade, devido ao receio a represálias, em relação a atos "imorais" ou "criminosos", cometidos por esses indivíduos, sejam esses atos dentro ou fora do âmbito futebolístico ou esportivo em geral.

Devemos ressaltar que os aspectos de T.O's variam grandemente de acordo com os períodos aos quais os tratamos. Então, podemos perceber que desde o século XX já existiam torcedores menos favorecidos financeiramente, os mesmos também não abriam mão de apoiar o clube ao qual eram torcedores, mas que não possuíam o mesmo poder aquisitivo aos antigos frequentadores dos estádios e praças esportivas. Os menos favorecidos, decidiram aproveitar a

oportunidade de estar ali, naquele ambiente de comemoração, e passaram a entoar, em grupos, cantos de apoio, gritos e coreografias “organizadas”.

Segundo Lopes e Cordeiro (2010), em meados da década de 40 com a profissionalização do futebol, o amor do povo pelo futebol já era existente. Então foi por decorrer disso que as primeiras T.O’s do país começaram a surgir, como forma de acompanhar e apoiar o clube durante os jogos.

É devido a esse apoio, que surge entre esses torcedores organizados, a primeira e principal característica das T.O’s, que é a cobrança em cima de bons resultados dos clubes, cobrança essa que se concretiza não somente aos jogadores, mas como também aos dirigentes e diretores.

Apesar de existirem relatos de que a primeira T.O existente foi a do São Paulo, oficialmente, a primeira T.O a ser regularizada juridicamente e que existe até os dias atuais, é a Gaviões da Fiel, fundada no ano de 1969 e vinculada ao Corinthians, clube paulista.

Posteriormente outras TO’s surgiram em todo o país: em 1969 surgiu a Torcida Jovem do Santos; em 1970 a Força Jovem do Vasco; a Tricolor Independente do São Paulo foi fundada em 1972 e a Raça Rubro Negra do Flamengo em 1977. O crescimento dessas agremiações aconteceu rapidamente [...] os torcedores organizados passaram, além disso, a serem reconhecidos como uma nova classe torcedora, responsáveis pelo espetáculo nas arquibancadas. (CAVALCANTI *et al*, 2013, p.43).

Podemos entender que o intuito desse grupo organizado de torcedores passou não somente a ser o apoio ao clube, mas também a cobrança após resultados frustrantes. E é exatamente nesse momento que passa a se perceber a distinção entre os “torcedores organizados” e os “torcedores comuns”, tendo em vista que os torcedores considerados “comuns” frequentavam as praças esportivas, mas, não geravam nenhum tipo de protesto contundente após resultados considerados insatisfatório.

Monteiro (2003) diz que esses vínculos parecem não ir além de alianças estratégicas na luta contra seus adversários. Os vínculos entre os torcedores organizados visam, principalmente, à troca de apoio e infraestrutura. Quando uma T.O viaja para assistir a seu clube em outra cidade ou Estado, ela é frequentemente recebida por alguma T.O local considerada aliada. Isso se dá, de acordo com a união de torcidas de diferentes times e de diferentes estados, onde uma passa a acolher a outra em caso dos seus times, jogarem em

locais distantes da sede física daquela torcida. Visando assim o acolhimento e uma proteção advinda da torcida local.

Toledo (1996) diz que ao se institucionalizarem, as T.O's buscam um lugar dentro do futebol profissional e da sociedade. Assim, as torcidas organizadas objetivam ser conhecidas e reconhecidas como instituições representativas e legítimas de seus clubes. Percebemos que esses integrantes das T.O's definem suas participações nas mesmas, como um "estilo de vida", fatores como amizades dentro da torcida e até mesmo o prazer pela violência (não necessariamente um fator unânime) fazem parte do "ser" torcedor organizado.

Toledo (1996) também lembra que os torcedores organizados contam geralmente com uma sede. É lá, e não em bares, onde se confraternizam e "jogam conversa fora". Nas sedes, promovem festas, churrascos e reuniões. Além de ser o ponto de encontro para a ida aos jogos.

Baudrillard (1992) diz que é urbano o fenômeno de andar em bando, vestindo a camisa do time, diferenciando-se do todo e construindo para si e para o grupo uma nova forma de sociabilidade e de identidade. Entende-se que esse grupo se reúne constantemente e que cria vínculos afetivos entre si, de forma em que se passa a seguir o pensamento que um deva proteger o outro e todos devem proteger a instituição a qual estão ali representando.

Podemos dizer que as T.O's são responsáveis por um espetáculo maravilhoso dentro dos estádios de futebol e que sua presença dentro da praça esportiva é muito importante para os apreciadores do futebol. Porém, em uma visão um pouco mais criteriosa, também podemos perceber o constante envolvimento das organizadas em atos de violência, dentro e fora do estádio.

Monteiro (2003) enfoca que *mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das T.O's*. Percebe-se que parte dessas organizadas ainda acredita que só podem se afirmar ou reafirmar, de modo a se sobrepor sobre os demais torcedores, com atos violentos. E isso, infelizmente gera consequências graves para os que sofrem com essa violência.

Murad (2017) informa que o Brasil está entre os primeiros em relação ao número de mortes de torcedores de futebol. Segundo o estudioso, contudo, apenas uma minoria dos organizados é considerada violenta - entre 5% e 7%.

Os clubes também são, por muitas vezes, punidos com multas em valores altos. Mas essa punição se estende principalmente para essas T.O's, que recebem punições como, por exemplo, uma determinada quantidade de jogos sem que seus instrumentos e faixas pudessem adentrar ao estádio, ou a proibição por um tempo determinado do uso de materiais advindos da organizada, dentro do estádio, até punições bem mais severas como a extinção da torcida, fato que já ocorreu por diversas vezes. E esse tipo de punição vem se tornando mais rotineiro desde que, em 2003, foi criado o estatuto do torcedor³.

Silva (2012) nos fala sobre o fato de que as T.O's têm grande vinculação com o clube e são identificadas através dos uniformes dentro dos estádios, nasceram tendo como um dos objetivos a idéia dos clubes de uniformizar o torcedor dentro das arquibancadas. E foi aproximadamente a partir dos meados de 1940 que se passou a notar grupos de torcedores organizados ao entorno do estádio e nas arquibancadas, reunindo-se para um intuito em comum, que era apoiar moralmente o clube como forma de incentivo, através de cânticos inicialmente compostos de gritos de guerra, acompanhados e cadenciados por uma percussão de uma pequena charanga⁴.

Para Júnior (2007) a mobilização de um número de torcedores voltados para incentivar seu time durante os jogos, fomentou a circulação e a propagação do futebol no Brasil, tendo como consequência o acirramento de rivalidades regionais, tensionadas pela massificação dos grupos organizados, ainda que naquela época não se objetivasse a torcida adversária como um inimigo pleno a ser superado com violência física. Suas atividades se restringiam ao momento dos jogos de futebol em si e não com reuniões, festas fora do campo e outras socializações como se observa atualmente.

2.2 – MOBILIZAÇÃO SOCIAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO PARÁ:

As T.O's de Belém surgiram em meados da década de 80 e algumas delas ainda existem. Atualmente Paysandu e Remo são os dois times de expressão no Estado, e que possuem as duas maiores T.O's dentre os clubes. Giulianotti (2002) diz que em cada cidade existem no mínimo dois clubes de futebol que representam classes ou grupos diferentes.

³ O estatuto do torcedor estabelece normas de proteção e defesa do torcedor. Integra <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671> Acesso em 10 Ago. 2017.

⁴ Charanga: substantivo feminino; conjunto musical desafinado e barulhento, formado por instrumentos de metal, com ou sem os de percussão <<http://www.dicio.com.br/charanga/>> Acesso em 08 Mar. 2018.

Toledo (1996) ressalta que as T.O's formam entidades jurídicas. Elas possuem estatutos que determinam uma série de regras a serem respeitadas e uma estrutura organizacional. Assim, têm uma diretoria, um conselho deliberativo e eleições periódicas para presidente. Ressalta também que esses torcedores possuem um forte sentimento de pertencimento ao grupo. Sentimento que, às vezes, os levam a transgredir as regras legais. Embora a violência não consista no principal aspecto de agregação dos torcedores organizados, esta é uma parte constante do repertório de alguns desses torcedores, ainda que estes sejam uma parcela minoritária. Murad (2007) diz que apesar de ser uma pequena parcela, em determinados casos, possuem ligações estreitas com práticas violentas, com a divisão territorial da cidade e com o tráfico de drogas.

Esses atos de violência geram constantes punições a essas T.O's e devido a essas punições surgiu em meio as T.O's, a ideia de se criar um grupo, ou associação que tivesse voz ativa por eles. Assim, no ano de 2016, foi criada a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANTO) que posteriormente, propôs a realização do Primeiro Seminário das Torcidas Organizadas, que veio a ser realizado em 2017, com o intuito inicialmente de diminuir e posteriormente acabar com episódios de violência ligados ou realizados por integrantes das T.O's.

Dunning; Murphy; Williams (1993) diz que a violência geralmente ocorre entre torcedores de times rivais, dentro ou fora dos estádios, e que pode ser tanto simbólica como física. Em 2004 a justiça havia determinado a suspensão das atividades de duas T.O's de Paysandu e Remo, após contínuas advertências sofridas por elas, e após as constantes promessas de fim da violência que era ocorrida em confrontos que envolviam ambas as torcidas. Porém, com a reincidência de atos de violência, em 2007 por determinação do Ministério Público, ambas as torcidas foram extintas, o que resultou na proibição de entrada dessas torcidas nos estádios assim como o uso de suas faixas, camisas ou qualquer outra vestimenta que fizesse alusão a essas organizadas. Conforme consta no site to TJ-PA, em 13/11/2007:

O Ministério Público alegou que as torcidas organizadas citadas, vinham promovendo seguidas desordens nos estádios de futebol, e que tais ações não se restringiam aos estádios, espalhando-se pela cidade e até em outros eventos esportivos. O Ministério Público também argumentou que as torcidas facilitaram a formação de verdadeiras gangues constituídas para prática de fins ilícitos.

Na decisão, o Juiz de direito da 1ª Vara de Fazenda da Capital, Marco Antonio Lobo Castelo Branco, acatou o pedido do ministério público, baseando-se nas provas contidas nos autos, que constavam freqüentes relatórios registrados pela Policia Militar do Estado do Pará, o que levou o Juiz a decidir por favorável a determinação de extinção das mesmas, responsabilizando as torcidas e enquadrando-as na formas da Lei nº 7.347/85 artigo 5º parágrafo 2º, que diz: “Se rege pelas disposições dessa Lei, sem prejuízo da ação popular, as ações de responsabilidade por danos morais e patrimoniais causados ao consumidor (Inciso II) bem como a qualquer outro interesse difuso ou coletivo (Inciso IV) este acrescido pela Lei nº 8.078 de 11.09.1990”.

Obrigando o Estado a redobrar a fiscalização, fazendo vigorar a proibição de que qualquer torcedor ingressasse ao estádio de futebol com material que fizesse alusão a ambas as torcidas. No qual o mesmo deve fiscalizar, por meio de monitoramento eletrônico e coibir quaisquer tentativas de ingresso de transeuntes que possam por ventura adentrar a praça esportiva. Segundo consta no estatuto do torcedor, na Lei nº10.671/2003, o seu artigo nº18, prevê que: “Os estádios com capacidade superior a vinte mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infra-estrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente.”

Caso os indivíduos insistam na prática do ato, os mesmos serão enquadrados as leis penais, inclusive por desobediência de ordem judicial, sem direito a cobrança de fiança. Porém, após a proibição, essas torcidas alteraram seus nomes e continuaram a exercer suas atividades.

As punições frequentemente sofridas por essas torcidas passaram a ser vistas como uma forma de afronta aos diretores e representantes das organizadas, que passaram mais e mais vezes a compactuar com a rebeldia dessas torcidas, como uma forma de combater a chamada “modernização do futebol” que nada mais é do que a perda de costumes, antes vistos como normais, mas que passaram a ser coibidos devido a alguma decisão judicial.

Sadi (2004) afirma que o futebol pode servir como estratégia para fortalecer as relações de classe entre os participantes, mas não significa que jogando futebol o indivíduo alcançará a ascensão social. Então podemos perceber que é justamente a participação desses determinados indivíduos nos estádios de futebol, que influenciam a construção da ideologia dessas torcidas.

Aliada aos demais torcedores, que compactuam com esse pensamento ou que de certa forma, não compactuam com algumas atitudes, mas se omitem desse combate por medo ou por não se sentirem no direito de opinar, acabam, de certo modo, traçando uma forma de atitudes normais a serem aceitas advindas de torcedores organizados ou não. Damo (1998) esclarece esse novo sentido atribuído ao futebol pelo sujeito torcedor, ao dizer que torce por um time, assume contornos de uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos.



Figura 1

Fonte: Associação Nacional das Torcidas Organizadas (2017).

Devido aos constantes embates jurídicos, em março de 2017, a ANTO realizou o que seria um verdadeiro marco na história das T.O's do estado, o "I Seminário de Torcidas Organizadas do Estado do Pará", do Batalhão de Polícia de Eventos, da Polícia Militar do Estado do Pará (PMPA), da imprensa local que se prontificou a cobrir os temas abordados, dando visibilidade aos assuntos e de alguns representantes dos clubes do Estado. Neste evento, o principal tema debatido foi a tentativa de diminuição da violência e o papel do torcedor organizado para a sociedade.

Capítulo 3 – RACISMO E SEXISMO NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

3.1 – O RACISMO NO FUTEBOL

O caso que envolveu o goleiro Aranha, que na época do ocorrido, era goleiro do Santos Futebol Clube e em numa partida realizada pela Copa do Brasil, contra o Grêmio Football Porto Alegrense, no dia 28 de agosto de 2014, foi um episódio triste e marcante na história do futebol brasileiro. No dia fatídico, o goleiro foi ofendido verbalmente com ataques de injúria racial por parte da torcida do Grêmio, com gritos de “macaco” e “preto fedido”. O goleiro se descontrolou emocionalmente e passou a gritar de dentro de campo, revoltado contra a torcida, afirmando “Sou preto, sim! Sou negão!”. Conforme foi exposto nas mídias sociais.⁵

Código Penal Brasileiro:

A Injúria Racial está prevista no artigo 140, § 3º. Esta se caracteriza no tipo de ofensa discriminatória onde a vítima é especificamente um indivíduo ou determinado grupo de indivíduos. Ofensas que façam referência à raça ou cor da vítima constituíram o crime de “injúria qualificada” e não crime de “racismo”. Em outubro de 2015, o STJ toma a decisão que o crime de injúria racial seria imprescritível, ou seja, não sendo mais possível pagar fiança e responder o crime em liberdade como acontecerá em anos anteriores.

Devido à grande repercussão do caso na mídia, pois o jogo havia sido transmitido nacionalmente por uma emissora de televisão aberta, no dia 03 de setembro do mesmo ano, o caso foi julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e em decisão unânime, o Grêmio foi excluído da competição e multado no valor de 50 mil reais por injúria racial e não pelo crime de racismo.

Além da punição ao clube, quatro torcedores foram flagrados e identificados pelas câmeras do estádio, cometendo a prática de injúria racial contra o goleiro, os mesmos foram autuados e tiveram seus processos suspensos mediante a um acordo com a justiça de se apresentarem voluntariamente a delegacia duas horas antes de todas as partidas realizadas pelo Grêmio num período de dez meses. Uma das torcedoras envolvidas no processo admitiu ter referido as palavras ao atleta, porém, disse não ter intenção de ofendê-lo, mas sim, que apenas estava indo no “embalo da torcida”.

⁵ <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/torcedora-racista-gremio-diz-que-intencao-nao-era-ofender>>
Acessado em: 02 Ago. 2017

O racismo, segundo Goellner *et al* (2009), é o termo utilizado para a discriminação produzida pelo grupo que detém mais poder, que considera como inferiores as pessoas e os grupos humanos com características físicas diferentes daquelas do grupo discriminador. Verifica-se racismo quando se atribuem características negativas de comportamento e personalidade às pessoas apenas por seu vínculo racial/étnico.

Agostino (2002) nos diz que é no coletivo que o indivíduo encontra identidade e afinidade para manifestar suas repulsas e fazer coisas que não faria isoladamente no meio da sociedade, seja por necessidade de tomar atitudes que o habilitem a pertencer ao grupo ou por algum ritual de passagem. Portanto, é relevante que os casos ligados ao racismo no futebol, sejam eles durante a prática do esporte ou até mesmo fora das quatro linhas do gramado, sejam apurados e punidos de uma maneira bem mais contundente, devido a grande repercussão dada pela mídia à modalidade.

Goellner *et al* (2009) esclarece que essas idéias que circulam ao nível do senso comum podem não ser conscientes e tendem a ser tomadas como naturais. Entretanto, não são ingênuas, nem mesmo desprovidas de um forte caráter discriminatório e preconceituoso. Evidenciam, de certo modo, o tratamento diferenciado que nossa sociedade atribui aos diferentes grupos sociais que a compõem. Assim, então, podemos perceber a dimensão da impunidade de atos completamente inaceitáveis que ainda são frequentes no âmbito esportivo, simplesmente por serem consideradas *coisas do futebol*.

Goellner *et al* (2009) também diz que uma dificuldade em lidar com a questão do racismo reside no fato de o mesmo ser frequentemente negado ou ter-se tornado algo trivial a ponto de ser considerado uma brincadeira, uma atividade benevolente e não agressiva. Amâncio (2006) diz que a educação e o contato entre os grupos, são possíveis soluções para reduzir o etnocentrismo e a hostilidade em relação às minorias. O mais curioso disso é que a grande maioria dos “melhores atletas da história” brasileira que já disputaram competições por clubes nacionais e internacionais, e que foram reconhecidos por isso, eram negros. Como Leônidas da Silva, Pelé, Djalma Santos, Ronaldinho Gaúcho, Odivan, entre outros que deixaram um legado incontestável na memória do esporte, que nos leva a pensar em como ainda é possível existir uma discriminação direcionada a alguém, devido a sua cor de pele.

Segundo o Código Penal Brasileiro, o racismo está previsto no artigo 20 da Lei nº 7.716/89 e se difere da injúria racial, sendo caracterizado como racismo quando as ofensas se dirigem para toda uma etnia, religião ou origem. Este crime é inafiançável.

3.2 - A PRESENÇA DAS MULHERES NO ESTÁDIO:

Rose Modesto (Entrevistada em 07 marços de 2018) a presença feminina também se faz nesses momentos antes e depois das partidas, apesar de ser em um número ainda consideravelmente baixo em relação aos homens. Apesar do aumento cada vez maior de mulheres, esse número ainda é pequeno por conta do assédio moral e físico que ainda é praticado por uma pequena parte de frequentadores, que se utilizam da justificativa da bebida como incentivadora do ato ou até mesmo pelo simples argumento de que ali não é lugar para mulher

Segundo Franzini apud Almeida e Soares (2012) a virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença 'futebol é coisa para macho'. Bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito. Mas, esse pensamento vem sido combatido veementemente não somente no âmbito esportivo, como nos demais âmbitos sociais, onde a luta pelo respeito e pela preservação do direito de ir e vir de cada um, seja lá para onde for, vem sendo conquistado.

Silva apud Almeida e Soares (2012) argumenta sobre o direito a ter direito, da necessidade de se garantir processos de subjetivação política que potencializem a ação de sujeitos que ocupam lugares minoritários e que desejam sair do subterrâneo do esquecimento. Dando assim, uma voz ativa às garotas e mulheres que cada vez mais vem marcando presença nos espetáculos esportivos.

Essas torcedoras viram nesse espaço, uma oportunidade de reafirmar o livre arbítrio da mulher, além de afirmar seu pensamento e posicionamento em relação ao esporte e a prática dele. O que de certa forma, esbarra em barreiras historicamente preconceituosas e machistas.

Para Almeida e Soares (2012) qualquer comportamento que fuja ao padrão machista e até mesmo misógino, entendendo que numa hierarquia orientada pelo patriarcalismo, não há espaço para uma mulher emancipada e crítica, esses comportamentos são tidos como fora do padrão. Estar fora do padrão é descumprir, transgredir os papéis sociais que lhe são atribuídos

socialmente e que, supostamente, deveriam ser entendidos como biologicamente determinados.

A mulher também tem aumentando seu espaço de atuação no esporte com a divulgação do futebol feminino, que tem trazido a representatividade feminina ao meio esportivo, em um esporte que ainda é em sua maioria masculina. Segundo o site Futebol Feminino⁶, o primeiro registro de jogo oficial entre mulheres, foi na Inglaterra, no ano de 1898. Já no Brasil, a primeira partida entre mulheres que se tem registro, foi em 1921, entre as Senhoritas Tremembenses, contra as Senhoritas Catarinenses. Porém, essa partida foi apenas de caráter amador. Pois segundo consta nos registros, o primeiro clube oficial de futebol feminino foi o Araguari Atlético Clube, oriundo de Minas Gerais, que inicio suas atividades em dezembro de 1958.

3.3 - ASSÉDIOS SEXUAIS A MULHERES NO AMBIENTE ESPORTIVO:

No Brasil o assédio sexual está assim definido na Lei nº 10. 224, de 15 de maio de 2001: "Constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função".

Segundo Goellner *et al* (2009) o assédio pode ser considerado como um ato invasivo, por pessoas que detêm ou pensam deter algum tipo de poder ou superioridade sobre alguém. Ele pode ser advindo em forma de brincadeiras, comentários ou outras formas que buscam intimidar, humilhar ou que tendem a ser maliciosos. Goellner *et al* (2009) também lembram que esse comportamento pode ter foco no sexo entre os indivíduos, o que o torna um assédio sexual. O que normalmente é baseado em ameaças ou hostilidade.

Goellner *et al* (2009) ressalta que "gênero" é uma condição social, através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino ou feminino. Portanto, essas diferenciações podem afetar diretamente nas questões sociais e na convivência de uma forma respeitosa pelos seus espectadores e praticantes, que de certa forma, pode acabar agravando

⁶ Futebol no Brasil - <<http://www.futebol-no-brasil.info/futebol-feminino.html>> acessado em 08 de Ago. 2018

ou colocando em segundo plano o racismo, um problema que também é histórico, mas que acaba sendo inibido pela prática do sexismo.

As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. (HOOKS, 2015, p.208).

A mulher tem buscado cada vez mais igualdade entre gêneros, o direito de se fazer presente no estádio e estar ali para torcer como qualquer outra pessoa. Para Louro (2008) apud Sales (2016) a transgressão desses lugares fixos garantidos pelas normas e condutas sexuais e de gênero consideradas legítimas, provoca, portanto, uma desestabilização social e por esse motivo, investe-se em mecanismos de controle que garantam observância e a obediência das mesmas.

O assédio verbal e sexual, no Brasil, vigora-se como crime quando ocorre no ambiente de trabalho, conforme a Lei nº 10.224:

O assédio sexual refere-se a uma imposição de exigências sexuais indesejadas, que se desenvolvem no contexto de uma relação de poder desigual. Não se restringindo apenas para o ambiente de trabalho, enfatizo o assédio sexual ocorrendo nos espaços públicos, especificamente nos ambientes esportivos. Na constituição este assédio pode estar agregado à outras leis, como: Constrangimento Ilegal (Art. 146) e Tentativa de Estupro (Art. 213).

Essas atitudes ainda existem justamente pela estrutura desigual de gênero, na qual mulheres não são respeitadas por sua escolha ou até mesmo por decidirem praticar algo que historicamente era rotulada como uma prática unicamente masculina. Almeida e Soares (2012) afirmam que o território da prática, tanto como jogador, como espectador está permeado de preconceito e de violência simbólica, tais atos de violência são reflexo de uma sociedade machista, que põem em prática atitudes inaceitáveis e imorais se fortalecendo de um pensamento retrogrado que apesar de já ser muito reduzido e combatido, ainda perpetua até hoje em nosso cotidiano.

Capítulo 4 - A BANDA ALMA CELESTE

4.1 – COMO TUDO COMEÇOU:

Segundo Aramys (entrevistado em 16 Ago. 2018) frequentador veterano da BAC:

Após uma conversa dentro das dependências da UFPA, os amigos Diogo Correia e Glauco Maurício, decidiram criar uma nova abordagem de torcida, que fugisse das tradicionais formas de uma torcida organizada e que vivesse o clube de forma íntima, mesmo entre seus esportes menos tradicionais, ou até mesmo de forma em que pudessem ser integrantes do clube, através de eleições para os conselheiros que ocorrem anualmente, e não que ficasse limitada apenas a torcer no futebol. (ARAMYS, entrevistado em 16 Ago. 2018)

Segundo Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) a criação da BAC veio trazendo como inspiração, as torcidas conhecidas como Barra Brava⁷ da América do Sul, que tinham como propósito, o apoio incondicional ao clube durante os 90 minutos de jogo, mas que só existiam reformulações no sul e sudeste do Brasil, onde posteriormente passou a ser criado no Norte, o primeiro grupo de torcedores que abrangiam essas características, para que pudessem agregar valores ao grupo elevando, assim o nível do espetáculo a ser feito na arquibancada.

Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) reforça que um fator coadjuvante ao incentivo para essa criação, foi o orgulho ao regionalismo, que antes, era praticamente ignorado, pois, a grande parte dos torcedores ainda valorizava os times de outras regiões ao invés de valorizar os times locais. Inicialmente decidiu-se fugir dos modelos tradicionais de uma torcida organizada, não como forma de crítica, mas sim por apenas haver uma discordância aos modelos tradicionais estabelecidos por elas. Deixando de lado, então, funções administrativas e cargos de diretoria, entendendo que não existiria ali, hierarquia ou cargos distintos. Além de fugir da famosa padronização, que se baseia em comercializar materiais próprios ou na cobrança de mensalidades para se associar ao movimento, buscando assim, aproximar o torcedor com menor poder aquisitivo desse grupo. Essa fuga inicia-se, através do pensamento de que o único requisito para fazer parte da BAC era priorizar a roupa do clube, e se aproximar para passar a frequentar àquele espaço predestinado da arquibancada durante os jogos, além de a BAC não demonstrar nem enaltecer a violência em seus cantos como as tradicionais torcidas organizadas se orgulham de fazer. Entoando em seus repertórios, gritos de guerra e músicas que sugerem atos violentos contra os rivais. Além dos

⁷ARCHETTI; ROMERO (1994) Define as “barras bravas” como um grupo organizado de torcedores que controlam as arquibancadas e seus circuitos.

constantes episódios de violência que essas T.O's se envolvem, o próprio perfil dos frequentadores, que segundo citação, buscam mostrar ser mais agressivos.

Assim, passou a existir uma multiplicidade de pessoas que começaram a aderir o movimento que posteriormente se tornaria a BAC, aumentando o convívio social entre os mesmos conforme mostra o gráfico a seguir:



Quadro 3:

Fonte: Pesquisa de Campo feita entre 15/10 e 15/11/18

Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) também relata que o futebol sempre foi muito carregado de diversos preconceitos. A Alma Celeste não era diferente disso, tendo em vista que uma das músicas mais recorrentes entoadas pela banda era a que se direcionava ao rival, chamando-o de “gay”. Porém após uma reflexão de membros da torcida, se percebeu e se reconheceu o erro da prática de que aquela era apenas uma face homofóbica de tratamento, mascarada de zombaria e rivalidade.

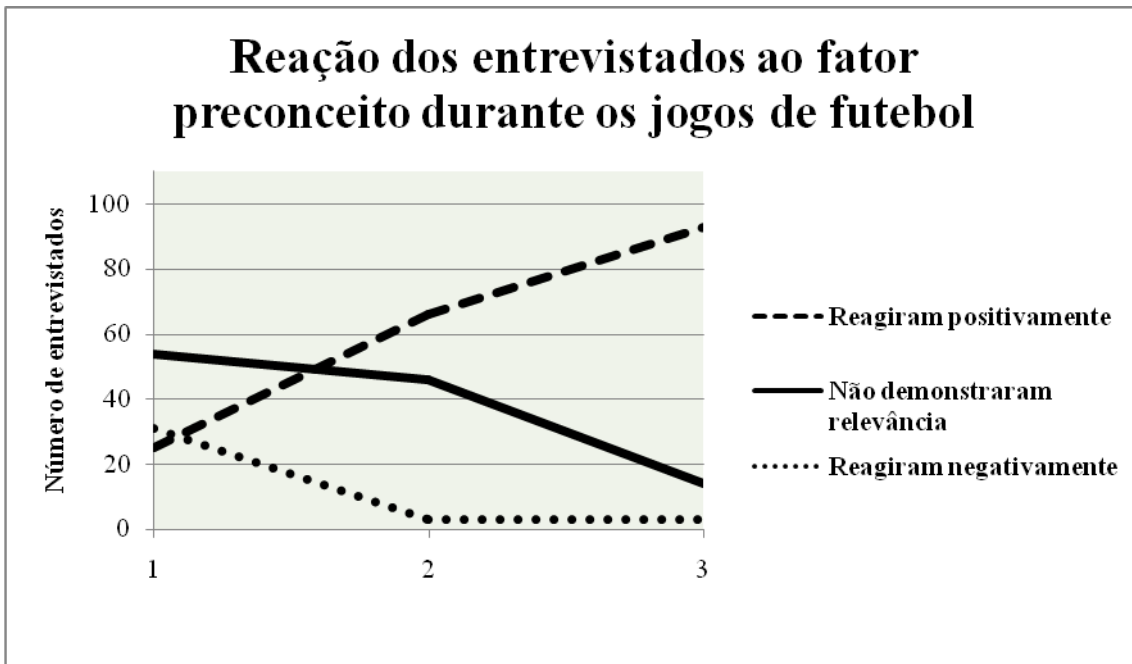
Goellner *et al* (2009) ressalta que os atos de preconceito acontecem, também em forma de narrativas, ditados, anedotas, brincadeiras, piadas e adivinhações. Toledo (1993) nos diz que os atos de preconceito entre as torcidas podem vir em formas satíricas, de jogos, grotescos, e alguns até engraçados. Porém são esses atos que expressão a visão do indivíduo.

Para Toledo (1993) as atitudes tomadas nas arquibancadas devem ser pensadas e compreendidas como algo que reflete a vivência desses indivíduos na sociedade.

Essa atitude pode gerar o afastamento de jovens homossexuais das atividades propostas visto que, frequentemente eles são alvos de práticas agressivas, de natureza discriminatória. Então, após essa atitude, a BAC foi até o seu perfil oficial nas redes sociais e lançou ao público uma nota que esclarecia em decisão tomada na reunião, a partir da data da reunião, a exclusão completa de cantos de teor preconceituosos entoados pelos seus participantes dentro do estádio.

“No jogo seguinte, foi incrível! Foi à maior adesão de pessoas apoiando o grupo, entrando juntas, cantando juntas, e saindo juntas do estádio. Deu pra perceber que muita gente pensava como a gente. Só não sabia externar esse pensamento”. (Lucival Ferreira, 16 Ago. de 2018).

Devido à repercussão, muitos torcedores não se sentiram insatisfeitos com esse ato e por terem o preconceito enraizado, passaram a falar mal da BAC, comentando que aquilo é apenas “coisa do futebol” e não havia a necessidade de extinguirem os cantos de teor preconceituosos. Porém, conforme o que foi visto na pesquisa, muitas pessoas se sentiram-se satisfeitas com a extinção desses cantos de cunho preconceituosos, assim como a exclusão de musicas ou atos alusivos a violência, conforme o gráfico a seguir vem constatar:



Quadro 4:

Fonte: Pesquisa de Campo feita entre 15/10 e 15/11/18

Momento 1 - Reação ao ouvir os cantos preconceituosos no estádio.

Momento 2 – Reação após a exclusão dos cantos homofóbicos.

Momento 3 – Opinião sobre a iniciativa da Banda Alma Celeste extinguir os cantos homofóbicos do seu repertório.

Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) lembra que apesar da primeira iniciativa ter sido impactante, a segunda ação, teve uma repercussão muito maior. Naquela ocasião o Governo Estadual, no ano de 2017, havia realizado uma campanha para o combate a homofobia dentro dos estádios de futebol, tanto o Remo quanto o Paysandu já haviam entrado em campo com camisas apoiando a campanha, além de suas animadoras de torcida carregarem uma bandeira do orgulho LGBT. Os representantes do governo estadual procuraram os representantes das duas torcidas para propor que estas levassem a bandeira do orgulho LGBT para suas respectivas áreas de atuação na arquibancada para fomentar a campanha. No entanto, apenas o grupo de torcedores do Paysandu aceitou a proposta e então no mês de abril, em um clássico Remo VS Paysandu, a BAC estendeu sobre seus participantes a bandeira que sacramentava o total apoio à Campanha de Combate à Homofobia, reafirmando ali a mudança de pensamento e comportamento decidida pelos frequentadores na reunião.



Figura 02
Banda Alma Celeste abrindo bandeira LGBT no Mangueirão.
Fonte: Cezar Magalhães/Agência Pará.

Então, Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) diz que devido a essa repercussão a nível nacional, a BAC foi premiada em um evento da parada gay que ocorreu em São Paulo, naquele ano e devido a essa premiação, houve uma visibilidade a nível mundial, posteriormente a Banda também foi premiada na Argentina, em um evento que reconhecia atitudes voltadas a preservação dos direitos humanos. Aqueles integrantes que não concordaram com a atitude da BAC, se afastaram do grupo. Porém os integrantes da Banda consideram que isso tenha se efetivado como um crivo natural, ressaltando que a Alma Celeste não prioriza a quantidade, mas sim a qualidade dos seus frequentadores. Pensa-se que a torcida deve se posicionar perante aos assuntos recorrentes ao cotidiano, não havendo sentido se manter isenta a esses casos, tendo em vista que isso é um dos principais diferenciais entre o grupo de torcedores e as T.O's.

Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) afirma que para ele, a torcida não é algo estático que se faz presente apenas nos estádios de futebol. Mas uma filosofia de vida que busca um diferencial dentro das demais. E ressalta que naquele momento, os integrantes puderam perceber, mesmo que um mínimo, o que é a homofobia sofrida pelas pessoas da comunidade LGBT no nosso país, apenas por defender a causa, “sentimos na pele o preconceito e o quão é forte e triste, através dos diversos ataques sofridos pelos integrantes da Banda” Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018).

Goellner *et al* (2009) diz que termos utilizados para fazer referência ao desprezo, ódio e medo dirigido às pessoas homossexuais, pode ser considerado como uma forma de preconceito e de discriminação contra aquelas pessoas que vivem a sexualidade de outro modo que não orientado pela heterossexualidade.

Para Almeida e Soares apud Pinto (2014) os estádios são como um reduto importante do preconceito aos homossexuais, mas quanto mais à sociedade se constrói buscando respeitar os seus semelhantes e diferentes, maior será a aceitação da presença do homossexualismo no âmbito futebolístico.

Aramys, (entrevistado em 16 Ago. 2018) considera que o real nascimento da torcida se deu a partir dessa revolução, que veio a agregar valores pessoais e intelectuais aos participantes, além de acolher torcedores que antes se sentiam de alguma forma ofendidos ou discriminados com os cantos que ali eram entoados. Então, de certa forma aquela atitude passou a afirmar a esses torcedores que ali eles eram bem-vindos e seriam respeitados por suas escolhas, passando assim, a partir desses atos, a definir uma gama de músicas que o estádio passou a adotar e cantar muito mais, com as quais crianças, jovens e adultos se sentiam a vontade para cantar, sabendo que estavam única e exclusivamente apoiando o clube, abraçando os cantos de uma forma muito maior, mesmo ainda havendo os cantos tradicionais de outras torcidas.

Ainda sobre a história de formação da BAC, Lucival (entrevistado em 16 Ago. 2018) relata que em 2007, descontentes com a situação em que o time passava no campeonato, com a gestão que comandava o clube naquela época e também com o método de torcer implementado por algumas T.O's do clube, o Glauco e o Diogo após uma conversa decidiram criar uma “comunidade” em uma extinta rede social (Orkut) para convidar amigos a fundarem um grupo de torcedores que destoavam completamente da forma em que se comportavam as organizadas naquela época.

Lucival (entrevistado em 16 Ago. 2018) ainda é mais categórico e afirma que não somente nesse âmbito, como também em outras questões que foram tocadas pelos fundadores e representantes mais antigos, como por exemplo:

- A Alma Celeste não se denomina uma T.O, apesar de possuir algumas características semelhantes a tal. Denominando-se apenas como um grupo de torcedores.

- O grupo de torcedores não se constitui como uma entidade jurídica, mesmo que com seus 11 anos de existência, a Alma Celeste possua um cadastro junto a Polícia Militar do Estado, para que possa adentrar a praça esportiva com seus materiais. Oficializando assim, a existência da mesma.
- O grupo não possui líderes, muito menos cargos de diretoria, o que implica em dizer que não possui hierarquia ou poder de decisão soberana dentro do movimento, levando a conclusão de que toda e qualquer decisão que for tomada, deve ser em comum acordo dos frequentadores, ou por maioria dos votos, através de reuniões que são expostas para que todo e qualquer membro tenha voz ativa e queira participar.
- O grupo é dividido por pequenas comissões, que são compostas por membros de maior atividade dentro da representatividade do grupo, seja ele nos jogos, ou não. Além das comissões se responsabilizarem por funções distintas dentro do grupo, que facilitam a realização com sucesso de determinadas tarefas, como o transporte do material, organização e recolhimento dos materiais após o fim dos jogos, arrecadação de material para animação do público durante a partida.
- O grupo não possui sede física nem razão social, além de não fornecer nenhum tipo de venda de material com o nome da Banda, pois os integrantes consideram que a melhor vestimenta e a mais adequada para estar presente naquele momento, seja a camisa do time. Bem como não compactuar com questões de pagamentos advindos de associados. Por tanto, não existe nenhum tipo de relação financeira entre os participantes e o grupo.
- Diferentemente das T.O's, a Alma Celeste não possui nenhum tipo de aliança com outras torcidas, portanto, cada membro é livre para ter amizade ou aproximação com quem considerar necessário em qualquer parte do país, porém, nunca em nome da torcida.
- A Alma Celeste nunca compactuou com o tratamento diferenciado advindo de parte da diretoria do clube, por considerar que o torcedor deve ser respeitado de maneira igualitária e como um bem em comum do clube. Por tanto nunca se beneficiou da distribuição de ingressos que é feita pela diretoria a algumas organizadas, que muitas

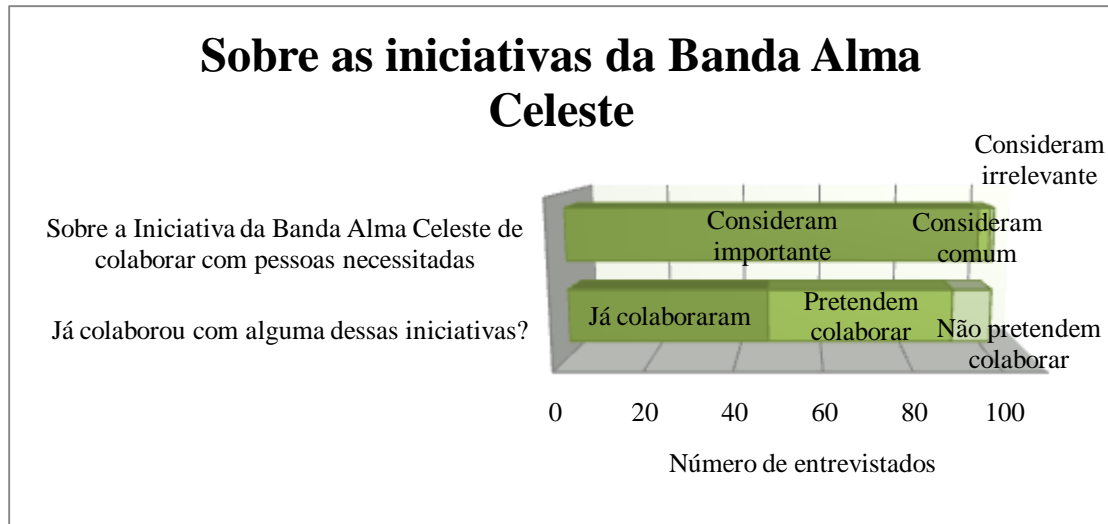
das vezes acabam vendendo esses ingressos e os transformando em subsidio para a torcida.

Então, segundo Lucival (entrevistado em 16 Ago. 2018) após o comum acordo dos pontos citados, deu-se inicio a BAC, que até o ano de 2010 se localizava no estádio da Curuzú, na arquibancada central, mas que em 2011, decidiu mudar seu lugar de posição no estádio, devido a uma compactação melhor desses torcedores na arquibancada que fica localizada na travessa do Chaco, local no qual a torcida se encontra até os dias atuais.

Lucival (entrevistado em 16 Ago. 2018) ainda lembra que com a reforma do estádio da Curuzú, que ocorreu no ano do centenário do clube em 2014, o tradicional alambrado foi trocado pelos atuais “Blindex” que não são nada mais do que placas de acrílico transparentes, que facilitam a visualização dos torcedores ao campo de jogo, implicava diretamente em uma das manifestações que eram marca registradas da banda, as tradicionais barras, compostas por faixas de pano nas cores do clube, que eram postas e amarradas sobre as arquibancadas. Mas, com a ausência desse alambrado, essas barras não teriam como ser amarradas. Então, os representantes da torcida, entraram com uma representação formal ao presidente do clube Vandick Lima, que acatou o pedido da banda e autorizou a adaptar, com recursos próprios, suportes de ferro que pudessem suportar a amarração dessas barras, sem colocar em risco a integridade física dos torcedores ali presente e sem tirar a visibilidade dos mesmos ao campo de futebol. Possibilitando a banda, se organizar e ornamentar seu lugar distinto no estádio como lhes fosse cabível, dentro da legalidade imposta pelo clube e pelo órgão de segurança responsável pelo evento.

Segundo os entrevistados, a BAC se orgulha de que o debate por uma melhoria constante de atitudes seja uma das prioridades dentre os integrantes, desde os mais velhos até os mais novos, que podem renovar idéias e trazer novas representações que possam agregar valores ao grupo. Representações que podem ser exemplificadas com as ações que a BAC exerce fora do âmbito esportivo, buscando realizar campanhas e atitudes que almejem a benfeitoria ao próximo de forma voluntária e espontânea, como as campanhas de doação de sangue que os integrantes organizam em prol de abastecer os estoques de sangue do hemocentro do Estado, ou as campanhas de doação de alimentos e roupas a serem direcionadas a instituições filantrópicas ou que abrigam pessoas carentes, e até mesmo a campanhas que a BAC realiza no período do Círio de Nazaré, ocorrido no mês de Outubro, na capital paraense, quando os integrantes da banda são voluntários em pontos de apoio na Av.

Almirante Barroso, em frente ao estádio da Curuzú, dando suporte aos romeiros que realizam a caminhada até a basílica, auxiliando-os com água, alimento, curativos e lugares para descanso. O gráfico a seguir vem mostrar qual a relação dos entrevistados com essas atitudes.



Quadro 5:

Fonte: Pesquisa de Campo feita entre 15/10 e 15/11/18

4.2 - PRÉ-JOGO E PÓS-JOGO

O ambiente esportivo ainda permite dois momentos que são muito importantes para o social dos indivíduos, que são o pré e o pós-jogo, no qual Silva *et al* (2012) explica que entender e compreender que o torcer representa uma real possibilidade de lazer. Por tanto, é pressuposto fundamental para fazer dessas manifestações culturais e dos sujeitos que ali estão.

O pré e o pós-jogo são vistos por esses torcedores como momentos de suma importância, pois é ali que se interage com pessoas de diversas torcidas, do mesmo clube ou não, além de ser um momento de descontração que serve tanto de aquecimento para a partida, quanto de relaxamento após o término da mesma. Essas pessoas se sentem confortáveis ali, em um ambiente de diversão, que muitas vezes é regado a bebidas e ao famoso “churrasquinho de gato” além de se exporem a experiência de interagir com a diversidade e multiplicidade de identidades dos que se fazem presentes naquele lugar público, além do fator econômico que essas reuniões geram, com as vendas de bebidas, comidas e variedades de materiais ligados ao mundo futebolístico. (Lucas, entrevistado em 10 Ago. 2018)

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) também traz à tona o fato de que antes do início do jogo, os torcedores se reúnem no estacionamento do estádio ou em seus arredores, mais diretamente na parte externa, para praticarem momentos de confraternização entre os

mesmos, normalmente regada a bebidas, comidas e aos sons automotivos dos veículos que ali estão. A diversidade já se inicia por aí, pois nesse pré-jogo, você encontra pessoas que ouvem músicas de diversos gêneros, mas que na sua grande maioria, são ritmos animados, para alimentar a euforia para o início da partida. Assim como existem pessoas que se fazem presente ali só para a interação social, ou até mesmo que nem irão adentrar o estádio na hora do jogo, mas se fazem presentes naquele momento para que possam usufruir de um momento de encontro com os amigos que ali se encontram.

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) ressalta também que esse mesmo encontro se repete ao fim do jogo, quando independente do resultado da partida, o festejo ocorre. Seja ele na euforia da vitória, ou para afogar as mágoas do empate ou da derrota. O que se percebe realmente é que o Pré e Pós-jogo, já se tornaram momentos fundamentais no meio futebolístico, deixando de lado a velha diretriz de que o espetáculo acontece dentro de campo.

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) reforça que o espetáculo maior ocorre nas arquibancadas, mas também se nota que com o passar dos anos, que os momentos antes e depois da partida se tornaram muito importantes em meio aos torcedores e frequentadores dos estádios de futebol. Pois é esse momento de confraternização que *dá um gás a mais* para o próximo jogo. Então, de acordo com a frequência que se vai ao estádio, é facilmente notado o encontro de grupos que jogo após jogo se reúne ali, com o mesmo propósito.

Nós temos grupos em redes sociais e no WhatsApp, que estão inseridos muita gente que colabora com a gente de alguma forma. É por lá que a gente se comunica e reforça o trajeto que faremos, o horário que chegaremos, onde iremos nos reunir, que quase sempre é no mesmo lugar, dependendo do local do jogo, o que já torna aquele lugar um ponto de referência para a gente. E muitas pessoas fazem parte desse grupo, algumas são amigos de longa data, mas outras são pessoas que foram recentemente agregadas ao grupo, então é muito bacana tu perceber a galera se reunindo ali para que possamos entrar juntos ao estádio. Isso já se tornou uma marca nossa (Rose, entrevistada em 07 Ago. 2018)

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) relembra que é importante perceber que essa troca de informações muitas vezes com pessoas que nem sempre se conhecem, mas que por algum motivo estão ali, vinculados ao mesmo grupo nas redes sociais, acaba gerando uma sociabilidade e aproximação entre os mesmos, mesclando indivíduos de diversas tribos, em um propósito em comum. Muitas vezes, estendem laços que são ligados não só ao espetáculo futebolístico em si, mas também para o convívio social dos mesmos, durante o dia-a-dia, como reuniões entre amigos, passeios, viagens e até um jogo de futebol amador. Ou seja, esse

vínculo se estende de uma maneira que se sobressai ao que se imaginava limitado, onde a ligação basicamente surgiu por um determinado motivo, nesse caso, a torcida, e que se sobrepõem agora por diversos motivos, gerando ligações que não teriam sido possíveis, sem a sociabilidade que se fez presente.

Lucas (entrevistado em 10 Ago. 2018) enfatiza que esse caráter festivo que ocorre nos momentos antes e depois do jogo, é um importante movimento lúdico cultural para aquele momento. Passando a entrar na rotina dos frequentadores e sendo esperada pelos mesmos, como um momento de descontração, reunião entre amigos e euforia. Lucas (entrevistado em 10 Ago. 2018) informa que ele é o responsável pelos instrumentos musicais da BAC desde 2015 e destaca que é nesse Pré-jogo que os grupos de torcedores e as T.O's se reúnem, nestas se decidem o horário de seus integrantes adentrarem juntos ao estádio, para a contagem do material que irá adentrar ao estádio, como faixas, bandeiras, instrumentos musicais, bandeirolas e outros, passando previamente por uma inspeção do batalhão de policiamento responsável pela segurança do evento, no mínimo duas horas antes do início do jogo. Para que não seja permitida a entrada de nenhum tipo de material ilícito, ou contundente, que possa vir a ser usado a tentar contra a integridade física dos demais que ali frequentam.

Lucas (entrevistado em 10 Ago. 2018) lembra que todo esse material que é levado ao estádio, deve ser informado com dias de antecedência ao Batalhão de Polícia de Eventos (BPE) através de ofício, para que seja feita a contagem e o registro oficial do que ali está. Para uma questão de respaldo do policiamento, como também das torcidas. Além dos representantes legais pelas torcidas terem a obrigação de comparecer a um evento nas vésperas do jogo, para que sejam repassadas as informações de rotina, como o local de entrada e de inspeção do material, horário de saída e dispersão da mesma. Isso permite que horas antes do jogo, já se possa ver as T.O's transitando ao envolta do estádio, onde, normalmente, já possuem um lugar destinado a se reunirem. Local este que é ponto de encontro há anos, e tornou-se como um ponto de referência de cada organizada. Antes da entrada desses instrumentos, os colaboradores e frequentadores das torcidas fazem um leve "aquecimento" com os instrumentos, passando a animar e estimular os envolvidos ao clima do jogo, gerando dessa forma, um agrupamento social, onde pessoas passam a construir uma interatividade e uma relação de amizade com os torcedores do mesmo time, que muitas das vezes, por decorrência da frequência de jogos, passam a se tornar conhecidos e posteriormente amigos.

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) ressalta que no pós-jogo também existe uma aglomeração nas redondezas do estádio, dependendo do resultado da partida ou da importância dela, essa euforia pode durar horas e estender-se até altas horas da madrugada. Porém também é nesse pós-jogo que muitos torcedores se reúnem em lugares previamente escolhidos, para direcionarem o que será feito a partir dali. Se os mesmos irão confraternizar com o momento de euforia regado a bebidas alcoólicas, churrasco e muitas vezes drogas ilícitas ou se irão se deslocar de volta ao seu bairro de origem em forma de comboio, considerada por eles a forma mais segura de voltar para casa devido a um possível enfrentamento com algum rival, além de manter juntos e eufóricos seus participantes, ecoando cantos de guerra e caminhando juntos até o seu destino final.

Aquele espaço também é um lugar onde se reúnem os amantes do futebol, como nós. Mas, também se reúnem os que apareciam apenas o momento de interação entre os amigos e familiares, que acabam construindo, relações sociais entre esses frequentadores. Em contraponto, o passar dos anos tem sido uma grande barreira para esse fator, tendo em vista a exploração capitalista voltada em cima dos clubes de futebol. Pode-se perceber que houve uma mudança do público que antes era frequente, ou pelo menos maioria, que hoje em dia, pouco possui condições de frequentar o estádio, devido aos valores exorbitantes dos preços de ingressos, ou até mesmo impedindo esse público de adquirir uma roupa do clube, devido ao alto preço não caber no orçamento familiar. (Rose, entrevistada em 07 Ago. 2018)

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) então, diz que devido a esses fatores, o futebol não é mais o esporte do povo, como antes era conhecido. Essa valorização exacerbada acabou por limitar o público presente nos estádios, afastando o “povão” do meio em que antes eram dominantes e criando uma especificidade de grupos que ali frequentam. Mantendo assim a ilusão de que o futebol ainda é um espaço democrático, porém essa realidade é diferente. Os clubes também embarcaram nesse excesso de valorização, ampliando ainda mais os espaços de cadeiras cativas⁸ por normalmente o lugar fornecer conforto e algumas regalias que os torcedores de arquibancadas não podem usufruir, ainda passaram a implantar os camarotes, que normalmente são lugares mais privilegiados do estádio, e que possuem algumas regalias que não podem ser encontradas nas cadeiras cativas, quanto tão pouco na arquibancada. Normalmente, os clubes destinam esses camarotes a pessoas do alto escalão da sociedade, que podem pagar valores exorbitantes para usufruí-los.

⁸ locais onde o valor do ingresso é bem mais caro que o tradicional, por haver um maior conforto nas acomodações

Existem pessoas que frequentam o estádio e defendem a idéia de que ali é um espaço democrático, mas pelo que a gente está te falando aqui, podemos nos indagar de que tipo de democracia é essa, onde pessoas são mais bem privilegiadas e tratadas, de acordo com seu poder econômico? [...] é fácil perceber essa desigualdade, quando normalmente, nos clubes de menor expressão nacional, usando como exemplo os dois maiores representantes do Norte, onde ambos possuem estádio próprio, porém, nenhum deles possui algum tipo de cobertura ou proteção ao tempo para os torcedores que assistem ao jogo na arquibancada. Agora pensa em quem vive em nossa região, que sabe que estamos propícios a chuva a qualquer momento, então, o torcedor que vai ao estádio e paga por um ingresso na arquibancada, além de ter que enfrentar uma fila gigantesca para comprar esse ingresso e adentrar ao estádio, não possui nenhum tipo de seguridade contra sol ou chuva, ou conforto nas acomodações do espaço. Ele está ali totalmente vulnerável a tudo. Enquanto os que possuem condições de pagar por um camarote ou cadeira cativa, possui um aparato totalmente diferente, caminhos de entrada distintas das arquibancadas e além de poderem assistir aos jogos, sentados em cadeiras, tem uma total proteção aos efeitos naturais. O que cai por terra o argumento de que existe um espaço democrático dentro do estádio. (Lucas, entrevistado em 10 Ago. 2018)

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) lembra que também podemos perceber divisões de grupos dentro desse espaço do Pré e Pós-jogo. Não só como divisões sociais, pois essa formação de grupos não ocorre apenas por divisão de times, mas sim por uma questão ideológica. Por exemplo, algumas T.O's, normalmente as que possuem uma maior tradição, possuem mini-grupos dentro de suas estruturas, que são conhecidos como “bondes” ou “comandos”, que nada mais são do que um grupo de torcedores de um determinado bairro ou região, que possuem sua sub-sede, reuniões semanais ou mensais e uma considerável autonomia dentro da torcida em geral. Portanto, cada “bonde” ou “comando” tem uma representatividade dentro do papel da torcida, além de seus representantes terem voz ativa nas reuniões gerais. São eles que se juntam para encorpar a torcida em geral, que normalmente é conhecida como “velha guarda” ou “diretoria”, algumas, são mais hierárquicas, denominando-se como “comando ou bonde central”. Então, esses bondes são facilmente vistos se aglomerando ao redor do estádio distintos uns dos outros, mas não como uma T.O que seja solidificada. O que se diferencia apenas dentro do estádio, quando esse afastamento é colocado de lado e todos se unem em um mesmo lugar pelo proposto naquele momento, que é torcer pelo clube que está jogando.

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) diz que isso vem sendo percebido como mudança atualmente, tendo em vista que muitas torcidas têm fugido desse modelo tradicional de divisão e deixado de se envolver em momentos que destoam do futebol, que são ligados a violência. Tudo isso vinculado a uma mudança de pensamento e de comportamento de seus

organizadores e participantes que passaram a entender o proposto e que muitas atitudes tomadas por outras torcidas não condizem com o proposto por eles.

Lucas (entrevistado em 10 Ago. 2018) também se remete a que essa aproximação de diferentes grupos sociais pode ter um ponto negativo, que é uma rivalidade que vem de fora do âmbito esportivo. Como por exemplo, rixas ou desentendimentos entre pessoas, que muitas das vezes nem são ligadas a T.O, mas que são levadas para dentro dessa torcida e acabam tomando proporções que fogem ao controle, tendo em vista que um grupo de torcedores tende a defender seus participantes, o que acaba gerando um embate muito maior do que o imaginável ocasionando em episódios de violência entre as torcidas do mesmo clube, o que muitas vezes chega a ser uma violência extrema, com o uso de rojões, paus, pedras, armas brancas e até armas de fogo.

Segundo Lucas (entrevistado em 10 Ago. 2018) ele próprio já presenciou diversas vezes em que para inibir e encerrar esses atos a polícia tem que intervir de forma enérgica, e infelizmente, devido ao grande aglomerado de pessoas, acaba ocorrendo um abuso da força por meio desses policiais, que se veem obrigado a utilizar balas de borracha, bombas de efeito moral e até a cavalaria para dispersar os responsáveis pelos conflitos. O que acaba gerando um tumulto e correria generalizada entre os frequentadores daquele lugar, além de existirem diversos episódios de uso excessivo da força ou abuso de poder, onde não se é diferenciado quem está participando do ato ou não, mas sim, se faz o uso desproporcional dessa força para dispersar o público em geral de uma forma mais rápida possível. “Isso ainda é frequente, cara”. Mas tem diminuído consideravelmente e é percebido por pessoas que frequentam os estádios de futebol, mas que de certa forma não está vinculada a alguma torcida organizada. (Lucas entrevistado em 10 Ago. 2018).

Rose (entrevistada em 07 Ago. 2018) informa que é buscando essa tranquilidade, que existem as reuniões antes dos jogos nas quais os representantes de torcidas são convidados a participar e o policiamento responsável, intima-os a manterem a ordem entre seus participantes. O que muitas vezes acaba gerando punições para essas torcidas que se envolvem nesses episódios. Punições essas que variam desde a proibição da entrada de determinados materiais no estádio ou a proibição da entrada de todos e quaisquer materiais ligados a torcida por um determinado número de jogos. Há punições mais severas, que vão desde o pagamento de multas e serviços comunitários, e chegam até a gerar a extinção da T.O. Que, infelizmente, acaba apenas se reinventando e mudando a razão social e nome fictício,

para burlar essa proibição. Então, essa mudança de comportamento tem sido cada vez mais frequente dentro e fora dos estádios, mudando o cenário violento, que antes era comum, mas que infelizmente ainda existe devido à rivalidade implantada por algumas T.O's. Porém, ainda existem algumas dessas torcidas que mesmo não estando envolvidas com a subdivisão, ainda mantêm alguns comportamentos padrões e de hierarquia dentro da própria torcida, mesmo que indiretamente, ou sem tanta cobrança e autoritarismo como nas mais tradicionais, mas que ainda se fazem presentes.

Devido à afinidade com muitos desses frequentadores, vemos que o fator visual, é um fator importante para a aceitação e identificação desse grupo, onde é praticamente uma regra, o uso de materiais específicos vinculados a torcida que esse indivíduo frequenta. Como: camisas, bermudas, jaquetas, bonés e etc. além da sua grande atuação nos momentos em que o clube joga. Ou seja, esse torcedor, é também identificado e passa a conquistar respeito entre os mesmos de acordo com a sua frequência de ida as partidas de futebol e de sua representatividade dentro das mesmas. (Rose, entrevistada em 07 Ago. 2018)

4.3 - SOBRE O PAYSANDU SPORT CLUBE:

Segundo consta no site do clube⁹ o PSC possui diversos patrimônios, um deles é situado na Avenida Nazaré, bairro de Belém, onde atualmente funciona a sede social do clube, e agregam diversas subdivisões dentro desse local como as secretarias executivas do clube, uma loja autorizada dos produtos oficiais do clube, além das centrais de atendimento aos sócios e o ginásio Moura Carvalho, que ainda recebe jogos de futsal, handebol e basquete, amador e profissional, e a sala de troféus do clube, onde ficam expostas aos visitantes as conquistas históricas do mesmo.

É nessa sede social que a BAC decidiu firmar suas reuniões mensais, apesar de já haverem ocorrido outras reuniões em lugares distintos, decidiu-se em acordo comum, que ali, na sede oficial do clube, seria o lugar propício para que fossem debatidos assuntos de importância ao mesmo. Porém, para tal realização, reforça-se que os integrantes se comunicam com semanas de antecedência sobre a reunião a ser realizada, e os responsáveis pela organização emitem um documento em forma de ofício a ser entregue na secretaria do clube, solicitando autorização para o livre acesso dos integrantes ao espaço.

⁹ <<http://www.paysandu.com.br>> Acessado em 17 de Set. de 2017

Dessa forma, reafirma-se o fato de que os torcedores devem sim viver um pouco mais a realidade do clube e não se limitar apenas ao estádio de futebol. Usufruindo assim, dos espaços físicos pertencentes ao mesmo, que o torcedor tem por direito vivenciar.

Além da sede social, o clube também possui a sede náutica que fica situada no bairro da Cidade Velha, em Belém, e que ainda é até hoje a única do estado que possui um tanque de treinamento para os atletas. Faz parte do referido patrimônio o estádio Leônidas Sodré de Castro, apelidado carinhosamente por sua torcida, como “Curuzú”, que é atualmente o estádio mais antigo da cidade em funcionamento e que no ano de 2014, foi reformado tomando formas de arena de futebol.

Portanto, a banda reafirma que considera que a casa do Paysandu é a Curuzú e que ali é o palco máximo onde os espetáculos e festas devem ser realizados, é naquele estádio que os cânticos fervem a todo vapor em apoio ao clube e os adversários instantaneamente sentem a pressão de se jogar nos domínios do Paysandu. A Banda se orgulha de em seus pouco mais de 10 anos de história, poder fazer parte da história do clube de forma tão gratificante e massiva, como é atualmente.

Segundo constam as entrevistas com Aaramys, Lucival, Rose e Lucas, que são frequentadores antigos da BAC, foi no ano de 2017, com a total exclusão de todos os cantos com teor homofóbicos de seu repertório, que a BAC concretizou o seu papel dentro do âmbito esportivo, assim como nas arquibancadas. Pois, segundo seus participantes, essa é uma luta que vem sendo histórica e que vem sendo passada por grupos que buscam serem tratados de uma forma igualitária e em prol do respeito mútuo.

No decorrer dos anos, é notável a relação homofóbica criada pelos torcedores para caçoar os rivais. Está inscrito nesse tipo de apelido o imaginário do “homossexualismo como anormalidade”, numa tentativa de desumanizar e rebaixar moralmente o adversário. Segundo Bandeira (2009) nas arquibancadas, os homossexuais são considerados inferiores aos heterossexuais.

Portanto, a Alma Celeste entende que essa é uma luta que abrange outras lutas e que viabiliza de uma forma muito mais ampla, conceitos e representatividades que antes eram apagados ou até mesmo não levados em consideração. Como por exemplo, a luta de mulheres que buscam um espaço maior dentro do âmbito esportivo.

A Alma Celeste entende que a luta da comunidade LGBTQI+ não deve ser vista como inferior a outras. Para Lopes (2012), podemos considerar que os torcedores não estão vulneráveis apenas as agressões físicas, mas também os diversos tipos de violência simbólica como machismo, homofobia e outros preconceitos - Inclusive o estigma contra as organizadas que reflete também contra os mais pobres nos estádios.

Os atos do grupo de torcedores que frequentam a Alma Celeste ressaltam a importância igualitária a toda a diversidade que se sente no direito de se fazer presente onde bem entender. Tendo em vista que o machismo, racismo, sexismo e homofobia sempre foram fatores que viveram impregnados na sociedade e principalmente no futebol.

"No Brasil, a torcida "FlaGay", por exemplo, foi alvo de preconceito e discriminação por algumas torcidas organizadas do Flamengo e acabou sendo extinta pelos próprios flamenguistas após sua fundação" (MONTEIRO, 2003, pag.80).

Portanto, decorrente de tais pensamentos, e devido à repercussão que vinha sido dada ao ocorrido, no dia 29 de abril de 2017, a BAC publicou em todos os seus perfis oficiais, em redes sociais, uma nota que vinha expor e esclarecer os motivos pelos quais a banda havia decidido extinguir de seu repertório, um de seus cantos mais conhecidos, onde a letra do mesmo possuía em seu refrão a frase "o leão é gay", direcionando de forma pejorativa, o canto em alusão à mascote rival:

Os torcedores que compõem a BAC são pessoas normais, como qualquer torcedor do Maior Clube do Norte, estudantes, homens, mulheres, crianças e etc. Cada um tem sua crença, orientação sexual, cor de pele e vidas diferentes, unidos por um sentimento chamado Paysandu Sport Club.

Desde o surgimento da BAC, vários cantos foram incrementados aos jogos do Papão com frases de apoio incondicional e amor incondicional ao Papão! Porém, nem sempre acertamos. Durante os 10 anos da torcida, surgiu em uma das nossas músicas algo fora dos padrões da ideologia da Alma Celeste, intitulada de "o leão é gay!". ERRAMOS DURANTE VÁRIOS ANOS, propagando cantos homofóbicos disfarçado de rivalidade.

Diante disso, após vários debates de torcedores e da influência que a Alma Celeste possui nas arquibancadas do Paysandu, informamos que em decisão tomada em uma das nossas reuniões mensais, viemos comunicar que músicas e manifestações de cunho racial/homofóbico estão extintas do nosso repertório, entre elas a famosa música que chama o mascote do rival de gay. (Nota de esclarecimentos publicada pela BAC nas suas redes sociais em 2017)

Goellner *et al* (2009) esclarece que "gay" é um termo utilizado para fazer referência à identidade social atribuída a um homem de orientação sexual homossexual, ou seja, que se relaciona sexual e afetivamente com uma pessoa do mesmo sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

De acordo com o que foi apresentado nessa pesquisa, chegamos à conclusão de que fatores como o preconceito, o desrespeito e até a violência, foram importantes para a criação de grupos de torcedores como a BAC. Antes, as torcidas organizadas dominavam áreas consideradas mais animadas nos estádios de futebol, porém, os fatores ligados a violência e ao desrespeito, passaram a afastar as pessoas dessas áreas. Então, essas pessoas passaram a se juntar e criar grupos de torcedores que tinham o intuito de poder ir ao estádio e participar das festas nas arquibancadas, mas, sem se submeter à frequentarem as torcidas organizadas e as regras que as mesmas regem aos seus participantes.

Assim, se pensou em reunir grupos de amigos que tivessem esses propósitos e passar a criar uma nova vertente de torcida organizada, que também como as tradicionais, teriam suas regras e obedeceriam a todos os trâmites legais para existir, porém, que não se limitariam ao âmbito futebolístico, mas sim, que apoiariam o clube em todas as suas vertentes e modalidades disputadas. Além de não possuírem uma sede física para que esse grupo se reunisse, nem mesmo cobrariam mensalidades dos frequentadores, assim como não arrecadariam fundos, através de vendas de materiais (bonés, camisas, shorts e etc.) vinculados a esse grupo ou torcida, pois, decidiu-se que para integrar esse grupo de torcedores, a pessoa devia colocar o clube em primeiro lugar, e tudo que fosse gasto por esse grupo, deveria vir em forma de doação dos seus frequentadores.

Após esse acordo, a BAC decidiu adotar a sede do clube como a segunda casa desses torcedores. Onde ali seriam decididos fatores importantes para a vivência desses torcedores, além de reuniões mensais para expor pensamentos e debater idéias que possam chegar a um bem comum. Prezando assim, pelo respeito e pela liberdade de cada ser, dentro ou fora do âmbito esportivo, cumprindo o papel de torcer como qualquer outra torcida, mas que busca uma vivência igualitária para todos que ali estão.

Acredita-se que todos possuem o mesmo direito de usufruir de um momento de lazer. O que não pode ser interrompido ou inferiorizado pela opção sexual de cada um ou pela cor da sua pele. Portanto, após esse estudo, percebeu-se que o respeito ao próximo é algo que vem crescendo entre os frequentadores desses grupos de torcedores, assim como a importância

social que os mesmos vêm prestando em forma de ajuda aos mais necessitados, tal como os diversos projetos que as torcidas organizadas também realizam.

Além de chegarmos a resultados que comprovam que 59% das pessoas entrevistadas, se afastaram das torcidas organizadas por não se sentirem bem, ou se sentirem inseguras próximas a elas, constatando assim, que a imagem violenta que é passada pelas T.O's e os atos violentos que as mesmas geram, acabam afastando as pessoas dessas torcidas, além de chegarmos ao resultado de que 84,5% dos entrevistados concordaram com a exclusão dos cantos de teor homofóbicos e/ou preconceituosos que antes eram cantados nas arquibancadas sem nenhum tipo de interferência, levando-nos ao entendimento de que cada vez mais, o preconceito vem sendo combatido na sociedade, mesmo que ainda existindo. E por fim, mas na menos importante, o resultado dessa pesquisa pode constatar que 55,5% das pessoas se sentiram satisfeitas com a atitude da BAC em excluir os cantos preconceituosos. O que é gratificante, quando se percebe que mais pessoas buscam uma luta de direitos iguais a toda e qualquer pessoa que conviva em sociedade. Além de fortalecer ainda mais pesquisas futuras que busquem abordar o tema e aprofundá-lo de forma a expor mais dados e informações que se tornem necessárias para o desenvolvimento do pensamento de um coletivo, e que busque uma gama maior de direitos para todo e qualquer cidadão.

É importante ressaltarmos, também, que a fundação da BAC se deu por esses fatores que antes eram tidos como tabu entre os torcedores. Também foi muito relevante perceber que a iniciativa de proibição dos cantos de teor preconceituosos, foi unanimidade entre a parte da amostra que se destinou aos torcedores rivais que compõem um grupo de torcedores semelhantes ao que é a BAC. Ou seja, 100% dos entrevistados que são torcedores do rival, foram a favor da atitude de coibir o preconceito dentro dos estádios, o que nos leva a uma fuga do pensamento comum no meio esportivo, de que tudo que o adversário faz deve ser enfrentado como oposição e o que pode gerar estudos e iniciativas futuras de uma atitude semelhante não só entre os clubes rivais, mas que pode se estender a um âmbito nacional ou até mundial. Assim como ressaltar a importância do debate de que mulher pode ir ao estádio, pois ali também é um lugar dela. O estádio, assim como qualquer outra praça esportiva, é um lugar pra todos, onde todos devem expressar suas emoções em um intuito comum, que é a paixão pelo esporte, ressaltando o respeito entre os próximos e assegurando direitos.

6- REFERÊNCIAS

<<http://observatorioracialfutebol.com.br/parada-gay-premia-torcida-banda-alma-celeste-do-paysandu/>>. Acesso em 10 jan. 2018.

<<http://www.diarioonline.com.br/esporte/para/noticia-424924-parada-gay-premia-torcida-do-paysandu.html>>. Acesso em 10 jan. 2018.

<<http://www.hypeness.com.br/2017/05/torcida-abre-bandeira-lgbt-em-estadio-como-pedido-de-desculpas-por-grito-homofobico/>> Acesso em 10 jan. 2018.

<<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/torcida-abre-bandeira-lgbt-em-jogo-e-pede-desculpa-por-homofobia/>>. Acesso em 10 jan. 2018.

<<https://www.facebook.com/BandaAlmaCeleste/photos/a.312266915568835.1073741826.312262922235901/1183551838440334/?type=3>> Acesso em 10 jan. 2018.

AGOSTINO, Ggilberto. Vencer ou morrer?: Futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ-Mauad, 2002.

ALFAIA, André, **Homofobia no futebol**. Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Ciências Sociais e Humanas. Departamento de Psicologia Social e das Organizações. Out. 2013

ALMEIDA, Marco B. e SOARES, Alessandro da S. **O FUTEBOL NO BANCO DOS RÉUS: CASO DA HOMOFOBIA**. Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH. Universidade de São Paulo. 2012

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 209. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAMPANHA da Gaviões tenta acabar com grito de “bicha” das arquibancadas. **R7 Record**, São Paulo, set. 2014. Disponível em: < esportes.r7.com/.../campanha-da-gavioes-tenta-acabar-com-grito-de-bich... >. Acesso em: 10 de julho 2018

CORINTHIANS divulga manifesto e pede fim de grito de 'bicha' em tiro de meta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 set. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/09/1515081-corinthians-divulga-manifesto-e-pede-fim-de-grito-de-bicha-em-tiro-de-meta.shtml>>. 10 de maio 2018.

Futebol Feminino – Futebol no Brasil <<http://www.futebol-no-brasil.info/futebol-feminino.html>> acessado em 08 de Ago. 2018

GAUDÊNCIO, I. R. P. **Diversão, rivalidade e política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905- 1950)**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do Futebol - dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GODOY, Arilda S. **PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, V.35, N.3, p.20-29. Jun. 1995.

GOELLNER, FIGUEIRA, MOURÃO E VOTRE: Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer. Gráfica da UFRGS, 2009

GOMES, Willian; GOELLNER, Silvana V. **Homofobia no futebol: da sociedade à torcida**. Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS, 2017

HELAL, R. **Passes e Impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. *apud* MENDES e NETO. A história do futebol paraense através dos clubes coadjuvantes, CEDF/UEPA, Belém, PA, 2012. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2012.2/RUI_DORIA_NETO.pdf>. Acesso: 04 jun. 2018.

HRYNIEWICZ, R. R. **Torcidas de futebol: adesão, alienação e violência**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LOPES and CORDEIRO, Felipe T. Mariana P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outro grupo de torcedores da América do Sul e da Europa. Revista Espaço Acadêmico - Nº 104 - Janeiro de 2010

MARQUES, D. Gaviões nega expulsar homossexuais e pede fim de gritos de "bicha". **Uol Esporte**, São Paulo, 11 maio 2016. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/05/11/gavioes-nega-expulsar-homossexuais-e-pede-fim-de-gritos-de-bicha.htm>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

MATTOSO, C. Para tribunal, corintianos chamarem Rogério Ceni de 'bicha' no estádio não é homofobia. **ESPN**, São Paulo, 02 abr. 2014. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/400748_para-tribunal-corintianos-chamaren-rogerio-ceni-de-bicha-no-estadio-nao-e-homofobia>. Acesso em: 22 de abril 2018.

MONTEIRO, R. A. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, M. A violência ao futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURAD, Mauricio. A violência no futebol. São Paulo: Benvirá, 2017.

Notícias Jurisway – **Justiça determina extinção das torcidas organizadas Terror Bicolor e Remoçada**. Disponível em: <<https://www.jurisway.org.br/v2/noticia.asp?idnoticia=18062>> acessado em: 21 de jun. 2018

ORGANIZADAS BRASIL. O portal das torcidas organizadas. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com>>. Acesso em 13.07.2017.

PIMENTA, C. A. M. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

PINTO, Mauricio R.; ALEMEIDA, Marco B. **As Torcidas Queer em campo: A Emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, ago de 2014.

REIS, H. H. B. **Futebol e sociedade**: as manifestações da torcida. 1998. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RIBEIRO, Paula R. et al. Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia... Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

RICHARLYSON nega ser gay e reclama de preconceito. **G1**, São Paulo, 12 ago. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0.,MUL86849-5605,00.html>>. Acesso em: 14 de jun. 2018.

SADI, Renato S. Esporte, Política e sociedade. In: BRASIL. Ministério do esporte. Esporte e sociedade. Brasília: Universidade de Brasília/ CEAD, 2004.

SIQUEIRA, P. V. C **Música no estádio**: o processo de ensino e aprendizagem dos instrumentos musicais na “Banda Alma Celeste”. (Trabalho de Conclusão de Curso) Belém: UEPA, 2017.

SOUSA, M. F. R de. **Aspectos de arquibancada**: sociabilidades e discriminações em estádios de futebol. (Trabalho de Conclusão de Curso) Belém: IFCH, UFPA, 2017.

SOUZA, B. J.; ANTÔNIO, V. S. R. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.3-14, jul. 2014. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1445>>. Acesso em: 16 set. 2017.

TAVEIRA, P. Corinthians já foi absolvido por gritos homofóbicos de torcida contra Ceni. **Esporte Ig**, São Paulo, 12 set. 2014. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-09-12/corinthians-ja-foi-absolvido-por-gritos-homofobicos-de-torcida-contraceni.html>>. Acesso em: 10 de jan. 2018.

TOLEDO, L. H. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz H. Porque xingam os torcedores de futebol?; Cadernos de campo; São paulo, 1993.

Torcedora racista do Grêmio diz que “intenção não era ofender”, 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/torcedora-racista-gremio-diz-que-intencao-nao-era-ofender.html>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

4 – ANEXOS:

ANEXO 01:

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA BANDA ALMA CELESTE (Retirado do site oficial do grupo de torcedores)

A Alma Celeste surgiu em outubro de 2007 como parte de um movimento nacional de formação de torcidas que agregam valores incomuns ao cenário futebolístico brasileiro, com visual, cantos, e organização mais semelhantes aos das torcidas europeias, e do rio da prata.

A nossa torcida surge dentro desse movimento e pretende ao mesmo tempo agregar alguns valores estrangeiros, manter alguns aspectos característicos da torcida brasileira, e também regionalizar ambos, de modo a criar uma identidade própria para a torcida. Portanto, nossa torcida caracteriza-se como uma proposta aberta sempre em construção.

De nossos vizinhos, a beleza das barras argentinas e uruguaias, bandeiras com as imagens dos grandes nomes do nosso clube, faixas com dizeres de apoio e mostras de sentimento, além da cantoria do início ao fim dos jogos são alguns elementos que incorporamos. Da torcida brasileira manteremos os balões, os cantos, as palmas, os bandeirões, a bateria, a alegria e paixão pelo futebol.

Nossa torcida pretende ainda com esses elementos, criar uma identidade própria, que valorize os aspectos regionais acima de tudo. Logo, a Alma Celeste se caracteriza por um movimento aberto a fazer sempre a melhor festa.

A Alma Celeste, entretanto, repudia qualquer tipo de violência no futebol e não agregaremos esse valor jamais! Só queremos torcer sem parar, e ver o Paysandu ganhar! Respeitamos todos os indivíduos e torcidas que fazem o futebol ser o maior esporte do mundo!

Somos uma torcida com características claras de organização, a saber: não temos diretoria, não temos sede, não temos patrocinadores, não recebemos ingressos da diretoria, não temos carteirinha, não temos mensalidade para sócios, somos livres e a nossa camisa é a camisa do Paysandu.

A nossa proposta surge no momento em que o nosso clube se encontra na terceira divisão do campeonato nacional, no pior momento de sua história, e por esse motivo nossa torcida busca acima de tudo transformar a cultura dos nossos torcedores e do nosso clube, pois nós somos a força que move esse gigante, mesmo que adormeça por muito tempo, nós sabemos que somos a força que irá acordá-lo.

Seremos mais que o décimo segundo jogador, seremos o vigésimo, o trigésimo, o milionésimo, pois somos uma nação lado a lado com onze jogadores em campo, defendendo o pavilhão alvi-celeste, incentivando do início ao fim, buscamos viver nosso clube do mais abrangente modo que a interpretação possa auferir. Daí a nossa proposta de trazer o debate democrático para dentro da nossa torcida, e do nosso clube, de modo que o intercambio mais competente para soerguer o Paysandu até o seu lugar na primeira divisão seja a PARCERIA COM A TORCIDA!

Por fim, congratulamos a todos que querem bem ao nosso Paysandu, pois estes são a razão das nossas cores resistirem. A eles, as nossas mais fervorosas SAUDAÇÕES BICOLORS!

ANEXO 02:

NOTA OFICIAL SOBRE O FIM DO CANTO HOMOFÓBICO.

(Retirado da página oficial da torcida no Facebook)

Vivemos em um mundo cheio de crenças, etnias, identidade de gênero e pensamentos políticos distintos. Durante muito tempo o racismo, a escravidão e a inferioridade atribuída as mulheres foi considerado normal.

Nos esportes, a arquibancada sempre foi um local de livre manifestação, com o futebol não seria diferente. Muito além do desporto, o futebol nos proporciona momentos de alegria e tristezas. Na hora do gol, por exemplo, não escolhemos quem abraçar, tudo flui como se todos fossem iguais e de fato somos! Entretanto, xingamentos aos árbitros, homofobia disfarçada de rivalidade e a intolerância ao "diferente" ainda são algumas das atitudes consideradas "normais" na arquibancada.

A Banda Alma Celeste, que inicialmente era composta por um grupo de dezenas de torcedores bicolores cresceu! E aquele grupinho que começou a se juntar para torcer na parte superior da arquibancada, no Lado B do Mangueirão e na parte central da Curuzu, ganhou notoriedade nos últimos anos, tornando-se e uma das torcidas do Paysandu que mais influencia a arquibancada.

Conquistando vários adeptos a cada novo jogo do Papão, a Banda Alma Celeste cresceu justamente pelo fato de respeitar as crenças, etnias, identidade de gênero e pensamentos políticos distintos, contagiando com o seu estilo de torcer, até o ano de 2007, inexistente no Norte-Nordeste do Brasil.

Os torcedores que compõem a BAC são pessoas normais, como qualquer torcedor do Maior Clube do Norte, estudantes, homens, mulheres, crianças e etc. Cada um tem sua crença, orientação sexual, cor de pele e vidas diferentes, unidos por um sentimento chamado Paysandu Sport Club.

Desde o surgimento da BAC, vários cantos foram incrementados aos jogos do Papão com frases de apoio incondicional e amor incondicional ao Papão! Porém, nem sempre acertamos. Durante os 10 anos da torcida, surgiu em uma das nossas músicas algo fora dos padrões da Ideologia da Alma Celeste, intitulada de "o leão é gay!". ERRAMOS DURANTE VÁRIOS ANOS, propagando cantos homofóbicos disfarçado de rivalidade.

Diante disso, após vários debates de torcedores e da influência que a Alma Celeste possui nas arquibancadas do Paysandu, informamos que: Em decisão tomada em uma das nossas reuniões mensais, viemos comunicar que músicas e manifestações de cunho racial/homofóbico estão extintas do nosso repertório, entre elas a famosa música que chama o mascote do rival de gay.

Entendemos que existem outros meios de manter viva a rivalidade com o time sem divisão, como os fantasmas que fizeram sucesso, as zoações para pagarem a companhia de eletricidade, os títulos fakes¹⁰ e afins.

Por fim, não se trata de criar uma nova polêmica, acabar com o futebol, ou simplesmente ser politicamente "chatos e corretos". Apenas evoluímos atualizamos nossa forma de pensar. Atenciosamente, Banda Alma Celeste

ANEXO 03:

¹⁰ Fake: termo de origem no vocabulário inglês, para se referir a algo falso.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado por Roseane Modesto.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.**

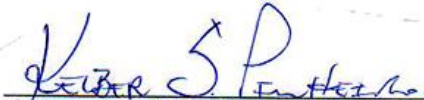
Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIENCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE A HOMOFOBIA**. E está sendo desenvolvida por **Kelber Saboia Pinheiro**, do Curso de **Licenciatura em Educação Física**, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profª Dra. **Lilian Silva de Sales**.

Os objetivos do estudo são **esclarecer e identificar as motivações para a criação da banda alma celeste, além de registrar a história de fundação do grupo de torcedores a partir dos relatos de seus membros, buscando identificar as percepções dos membros e torcedores acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituosos de seu repertório**. A finalidade deste trabalho é **contribuir para o entendimento que envolve as torcidas de futebol em relação a assuntos cada dia mais relevantes na sociedade**.

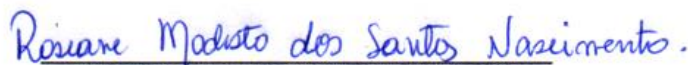
Solicitamos a sua colaboração para **uma entrevista que pode durar cerca de 15 minutos e que tem a intenção de esclarecer fatos e assuntos que só pessoas que os viveram possuem propriedade para debater-los**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e sobrenome serão citados nessa pesquisa como referência das entrevistas. Informamos que essa pesquisa pode confrontar alguns pensamentos opostos em relação aos assuntos abordados, porém, pretendemos que ela possa ser utilizada como um fator positivo para o combate a preconceitos dentro ou fora dos estádios de futebol

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.


Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Castanhal, 08 de setembro de 2018


Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador Responsável através do e-mail:
Contato.kelberpinheiro@gmail.com

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado por Aramys Souza.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.**

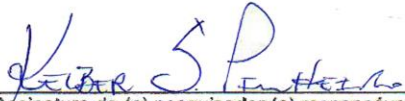
Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIENCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE A HOMOFOBIA**. E está sendo desenvolvida por **Kelber Saboia Pinheiro**, do Curso de **Licenciatura em Educação Física**, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profª Dra. **Lilian Silva de Sales**.

Os objetivos do estudo são **esclarecer e identificar as motivações para a criação da banda alma celeste, além de registrar a história de fundação do grupo de torcedores a partir dos relatos de seus membros, buscando identificar as percepções dos membros e torcedores acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituosos de seu repertório**. A finalidade deste trabalho é **contribuir para o entendimento que envolve as torcidas de futebol em relação a assuntos cada dia mais relevantes na sociedade**.

Solicitamos a sua colaboração para **uma entrevista que pode durar cerca de 15 minutos e que tem a intenção de esclarecer fatos e assuntos que só pessoas que os viveram possuem propriedade para debate-los**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e sobrenome serão citados nessa pesquisa como referência das entrevistas. Informamos que essa pesquisa pode confrontar alguns pensamentos opostos em relação aos assuntos abordados, porém, pretendemos que ela possa ser utilizada como um fator positivo para o combate a preconceitos dentro ou fora dos estádios de futebol

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.


Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Castanhal, 08 de setembro de 2018


Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador Responsável através do e-mail:
Contato.kelberpinheiro@gmail.com

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado por Lucival Ferreira.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.**


Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIENCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE A HOMOFOBIA**. E está sendo desenvolvida por **Kelber Saboia Pinheiro**, do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profª Dra. Lillian Silva de Sales.

Os objetivos do estudo são **esclarecer e identificar as motivações para a criação da banda alma celeste, além de registrar a história de fundação do grupo de torcedores a partir dos relatos de seus membros, buscando identificar as percepções dos membros e torcedores acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituosos de seu repertório**. A finalidade deste trabalho é **contribuir para o entendimento que envolve as torcidas de futebol em relação a assuntos cada dia mais relevantes na sociedade**.

Solicitamos a sua colaboração para **uma entrevista que pode durar cerca de 15 minutos e que tem a intenção de esclarecer fatos e assuntos que só pessoas que os viveram possuem propriedade para debate-los**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e sobrenome serão citados nessa pesquisa como referência das entrevistas. Informamos que essa pesquisa pode confrontar alguns pensamentos opostos em relação aos assuntos abordados, porém, pretendemos que ela possa ser utilizada como um fator positivo para o combate a preconceitos dentro ou fora dos estádios de futebol

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.


Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Belém, 07 janeiro de 2019



Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador Responsável através do e-mail:
Contato.kelberpinheiro@gmail.com

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE assinado por Lucas Dumont

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.**


Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **A BANDA ALMA CELESTE: A EXPERIENCIA DE UM GRUPO DE TORCEDORES NA DESCRIMINALIZAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E NO COMBATE A HOMOFOBIA**. E está sendo desenvolvida por **Kelber Saboia Pinheiro**, do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Profª Dra. Lillian Silva de Sales.

Os objetivos do estudo são **esclarecer e identificar as motivações para a criação da banda alma celeste, além de registrar a história de fundação do grupo de torcedores a partir dos relatos de seus membros, buscando identificar as percepções dos membros e torcedores acerca da extinção dos cantos de cunho preconceituosos de seu repertório**. A finalidade deste trabalho é **contribuir para o entendimento que envolve as torcidas de futebol em relação a assuntos cada dia mais relevantes na sociedade**.

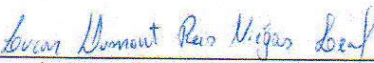
Solicitamos a sua colaboração para **uma entrevista que pode durar cerca de 15 minutos e que tem a intenção de esclarecer fatos e assuntos que só pessoas que os viveram possuem propriedade para debate-los**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e sobrenome serão citados nessa pesquisa como referência das entrevistas. Informamos que essa pesquisa pode confrontar alguns pensamentos opostos em relação aos assuntos abordados, porém, pretendemos que ela possa ser utilizada como um fator positivo para o combate a preconceitos dentro ou fora dos estádios de futebol

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.


Assinatura do (a) pesquisador (a) responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Belém, 07 janeiro de 2019


Assinatura do participante ou responsável legal
Lucas Dumont R. V. Leal
RG. 6273939

Contato com o Pesquisador Responsável através do e-mail:
Contato.kelberpinheiro@gmail.com

Lista de perguntas feitas na entrevista.

Roteiro da entrevista com os frequentadores da Banda Alma Celeste:

- Como iniciou a Banda Alma Celeste?
- Como se organiza esse grupo de torcedores?
- Quais as características desse grupo de torcedores que os diferem das Torcidas Organizadas?
- Como ocorreram as mudanças de comportamento do grupo de torcedores?
- Qual foi a reação dos demais torcedores a essas mudanças?
- Qual o intuito das mudanças pregadas pelo grupo de torcedores?
- Como se comporta o grupo de torcedores nos dias de jogos?

Lista de perguntas contidas no questionário enviado aos entrevistados. Pg.1

Banda Alma Celeste: o que pensam os participantes sobre as ações de combate ao preconceito implementadas pela banda.

Pesquisa feita para coleta de dados, que serão usados em tese de conclusão de curso, por um acadêmico de educação física, na Universidade Federal do Pará.

* Required

Seção sem título

1. Qual sua raça? *

Mark only one oval.

- Negro(a)
 Branco(a)
 Pardo(a)
 Other: _____

2. Qual seu gênero? *

Mark only one oval.

- Masculino
 Feminino
 Other: _____

3. Qual sua idade? *

Mark only one oval.

- Menor a 18 anos
 18 a 25 anos
 26 a 35 anos
 36 a 49 anos
 Other: _____

4. Para qual time Paraense você torce? *

Mark only one oval.

- Paysandu
 Remo
 Tuna
 Other: _____

5. Com qual frequência vai ao estádio? *

Mark only one oval.

- Sempre
 Quase sempre
 Poucas vezes
 Quase nunca
 Nunca

6. Você já frequentou alguma torcida organizada durante os jogos? *

Mark only one oval.

- Sim, já frequentei
 Sim, ainda frequento
 Não, nunca frequentei

ANEXO 09:

Lista de perguntas contidas no questionário enviado aos entrevistados. Pg.2

7. Por que deixou de frequentar a torcida a qual você participava? *

Mark only one oval.

- Por conta da insegurança ou desrespeito exercido pela mesma
- Por não gostar mais de assistir os jogos do local onde a torcida se reúne, no estádio
- Other: _____

Sobre o Papel Sociocultural exercido pela Banda Alma Celeste:

8. Qual sua opinião sobre a iniciativa da Banda Alma Celeste em colaborar com pessoas necessitadas, fora do ambiente esportivo? *

Mark only one oval.

- Considero uma boa iniciativa
- Considero uma iniciativa comum.
- Considero uma iniciativa desnecessária

9. Você já colaborou de alguma forma com as iniciativas da banda? *

Mark only one oval.

- Sim, já colaborei
- Não colaborei, mas pretendo colaborar
- Nunca colaborei e não pretendo colaborar

10. Qual sua opinião sobre a decisão da Banda Alma Celeste de extinguir os cantos de teor homofóbicos de seus repertórios? *

Mark only one oval.

- Apoio a decisão da banda
- Não considero necessária a extinção dos cantos
- Considero errada a decisão da banda, pois no futebol sempre haverá xingamentos vindos da torcida

11. Como você se sentia ao ouvir cantos preconceituosos, cantados pela banda? *

Mark only one oval.

- Normal, não me incomodavam
- Me sentia pensativo(a), mas eu cantava por considerar normal para o momento do jogo
- Me sentia incomodado(a) e me recusava a canta-los

Ainda sobre o papel social

12. Como você se sentiu após a exclusão desses cantos preconceituosos do repertório da banda? *

Mark only one oval.

- Me senti triste, pois não considerava que os cantos ofendam alguém
- Me senti normal, para mim nada mudou.
- Me senti feliz, pois não achava correto.